



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

ISRAELA RANA ARAÚJO LACERDA

**A ESCRITA DO FIM DO MUNDO: POR UMA LITERATURA
DECOLONIAL DE MULHERES SERTANEJAS NA PARAÍBA**

João Pessoa
Outubro de 2023

ISRAELA RANA ARAÚJO LACERDA

**A ESCRITA DO FIM DO MUNDO: POR UMA LITERATURA DECOLONIAL
DE MULHERES SERTANEJAS NA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras
da Universidade Federal da Paraíba como requisito
para obtenção do título de Licenciado em Letras
com habilitação em Português.

Orientadora: Profa. Dr. Luciana Eleonora de
Freitas Calado Deplagne.

João Pessoa
Outubro de 2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L131e Lacerda, Israela Rana Araujo.

A escrita do fim do mundo : por uma literatura
decolonial de mulheres sertanejas na Paraíba / Israela
Rana Araujo. Lacerda. - João Pessoa, 2023.
60 f. : il.

Orientadora : Luciana Eleonora de F. C. Deplagne.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências humanas, Letras e Artes,
2023.

1. Feminismo decolonial. 2. Literatura paraibana. 3.
Mulheres sertanejas. I. Deplagne, Luciana Eleonora de
Freitas Calado. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82(813.3)

ISRAELA RANA ARAÚJO LACERDA

**A ESCRITA DO FIM DO MUNDO: POR UMA LITERATURA DECOLONIAL
DE MULHERES SERTANEJAS NA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras
da Universidade Federal da Paraíba como requisito
para obtenção do título de Licenciado em Letras
com habilitação em Português.

Orientadora: Profa. Dr. Luciana Eleonora de
Freitas Calado Deplagne.

Aprovado em 20 de outubro de 2023

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne
(Orientadora)

Profa. Dra. Amanda Ramalho de Freitas Brito
(Avaliadora)

Profa. Me. Yasmin de Andrade Alves
(Avaliadora)

João Pessoa/PB

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e a todas as forças divinas que regem a proteção, o amor e a paz desse mundo.

As minhas avós, Movoca e Expedita, duas mulheres sertanejas que criaram, na força da agricultura, duas grandes famílias.

Aos meus pais, Ivone Basílio e Francisco Clóves, por terem me mandado ir embora para desvendar o mundo quando eu chorei de receio, se eu estou aqui hoje, o mérito é nosso. Pelo apoio nas dificuldades e por me fazerem ser o que eu sou hoje. Eu aos amo!

A minha irmã, Cláudia Roany, por me permitir conseguir abertura e afeto para, de fato, ser sua irmã de uns tempos para cá. Ao meu sobrinho José Lucca, por reanimar uma infância adormecida em mim, você é a alegria dos meus dias.

Ao meu tio Antônio de Caldas e Maria Creuzita, por abrirem as portas da sua casa com todo amor e bondade do mundo. Vocês foram essenciais nessa conquista.

Aos meus familiares, tios, tias, primos, primas, parentes mais próximos, por sempre nos incentivarem a seguir o caminho da educação.

Ao meu namorado João Gabriel, por me fazer compreender que o amor é leve, bom, generoso e um dos únicos sentimentos não dizíveis em palavras, amo-te.

Aos meus primos e amigos Pedro Paulo, Victória Basílio, Ramilli Pegado por sempre estarem comigo em todos os momentos difíceis e, sobretudo, engraçados, mesmo longe.

Aos meus amigos Isaque Moraes, Stéfane de Almeida, Carina Targino, Kelly Sousa e Luan Pereira por compartilharem comigo a academia e a vida, quero tê-los sempre comigo.

As minhas professoras de linguagens do ensino médio, Verilania Franco e Francerly Moreira, se hoje eu escolhi ser professora, foi graças a vocês.

Aos meus professores de graduação, símbolos da minha admiração, em especial minha orientadora Luciana Calado, Daniela Segabinazi, Amanda Ramalho, Expedito Ferraz, José Wellisten, Thiago Rodrigues, Franciane Conceição, Fabiana Costa e Alyere Farias.

Aos projetos de extensão *Mulheres em Cena: protagonismo das mulheres na cultura popular* e ao *Cultura literária na escola: para ler, ouvir, ver e sentir*, que me transformaram como profissional e ser humano.

Agradeço a toda literatura paraibana, seja ela sertaneja ou não, vocês mantêm viva a escrita de um lugar que merece ser visto.

Por fim, agradeço a mim, isso mesmo! O reconhecimento das nossas conquistas é o afago perante um mundo tão cruel e competitivo.

“Uns lutam com o cimento armado. Com as leis. Outros, com os bisturis. Com as máquinas – tantas e tão variadas lutas. Eu luto com a palavra. É bom? É ruim? Não interessa, é a minha vocação”

(Lygia Fagundes Telles, As Meninas, 2009).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 UM LUGAR DE FALA: AS MULHERES SERTANEJAS E OS ESTUDOS SOBRE DECOLONIALIDADES	18
1.1 Nós existimos!: Quando mulheres sertanejas evocam seus lugares de fala... 18	
1.2 Contribuição de gênero nos estudos decoloniais: alguns apontamentos	20
1.3 Feminismo decolonial: um movimento social de identidades	24
2 O FIM DO MUNDO NÃO É AQUI! COM A VOZ, A LITERATURA SERTANEJA DE AUTORIA FEMININA DA PARAÍBA	29
2.1 A editora Arribaça e a literatura de mulheres paraibanas sertanejas	29
2.2 <i>Ritos e Versos para adiar o Fim do Mundo</i> : do que fala a literatura de mulheres do sertão da Paraíba?	38
CONCLUSÃO.....	48
REREFÊNCIAS	50
APÊNDICE A	52

LISTA DE SIGLAS

PPC	Projeto Político-Pedagógico de Curso
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
MSTTR.....	Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais
MMB	Movimento de Mulheres Trabalhadoras do Brejo Paraibano
ACAL	Academia Cajazeirense de Artes e Letras
FASP.....	Literatura Brasileira pela Faculdade São Francisco da Paraíba
LGBTQIAPN+	Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexo, assexuais, pansexuais e não-binários

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Temáticas trazidas pelas escritoras sertanejas em “Ritos e Versos para Adiar o Fim do Mundo”	34
Figura 1 – Capa do livro “Ritos e Versos para o Fim do Mundo” (2022)	31

RESUMO

O feminismo decolonial preza pelo fortalecimento das vozes marginalizadas por um sistema eurocêntrico que dissemina a colonialidade, logo, os sujeitos atravessados por suas interseccionalidades, sejam elas de raça, classe, gênero, localização geográfica, entre outras, que resistem de forma ativa às construções e opressões europeizadas, são representativos desse movimento. Dessa forma, sendo as mulheres sertanejas perpassadas por diversas opressões sociais, sobretudo, de gênero, que lutam para burlar sua posição pré-determinada, são sujeitas, também, da decolonialidade. Diante disso, torna-se a literatura uma dessas formas de (re)existir. Partindo dessa reflexão, observa-se, ainda, a ausência de escritoras paraibanas, sobretudo, sertanejas, nos ambientes culturais, acadêmicos, demonstrando um certo apagamento de suas existências, embora elas existam, vinculadas a um ideal arcaico do sertão. Mediante tal problematização, esse estudo busca, através uma análise do livro *Ritos e Versos para o Fim do Mundo* (2022), produzido por escritoras sertanejas da Paraíba, identificar quais as temáticas escritas por mulheres sertanejas paraibanas, suas resistências, subjetividades e conflitos, a partir da decolonialidade e dos estudos sobre sertanidades. Essa pesquisa se baseia em uma metodologia bibliográfica de caráter qualitativa nos estudos decoloniais de Lugones (2014, 2020), Curiel (2020), Gonzalez (2020a, 2020b) entre outros. Para discussões sobre mulher e sertanidades nos embasamos em Veiga (2019), Moreira (2016) etc., além da realização de uma entrevista com uma das organizadoras do livro, Lua Lacerda. Os resultados obtidos apontam para complexidade, significância, pluralidade de gêneros e temáticas, diversidade de autoras espalhadas no interior do estado e, principalmente, uma postura resistente e afetiva da literatura dessas mulheres.

Palavras-Chave: Feminismo decolonial. Literatura paraibana. Mulheres sertanejas.

ABSTRACT

Decolonial feminism values the strengthening of voices marginalized by a Eurocentric system that disseminates coloniality, therefore, subjects crossed by their intersectionalities, be they race, class, gender, geographic location, among others, who actively resist constructions and oppressions Europeanized, are representative of this movement. That way, being countryside women, permeated by various social oppressions, especially gender, who struggle to circumvent their pre-determined position, they are also subject to decoloniality. In view of this, literature becomes one of these ways of (re)existing, based on this reflection, it is also possible to observe the absence of writers from Paraíba, especially those from the countryside, in cultural and academic environments, demonstrating a certain erasure of their existences, although they exist, linked to an archaic ideal of the backlands. Through such problematization, this study seeks, through an analysis of the book *Ritos e Versos para o Fim do Mundo* (2022), produced by country writers from Paraíba, to identify which themes are written by those woman, their resistance, subjectivities and conflicts, based on decoloniality and studies on backlands. This research is based on a bibliographic methodology of a qualitative nature in the decolonial studies of Lugones (2014, 2020), Curiel (2020), Gonzalez (2020a, 2020b) among others, for discussions about women and backlands we base ourselves on Veiga (2019), Moreira (2016) etc., in addition to conducting an interview with one of the book's organizers, Lua Lacerda. The results obtained point to complexity, significance, plurality of genres and themes, diversity of authors spread across the interior of the state and, mainly, a resistant and affective stance in the literature of these women.

Keywords: Decolonial feminism. Paraíba's literature. Backlands women.

INTRODUÇÃO

Desde o início da minha trajetória acadêmica ascendi-me às tessituras literárias, evocando nelas reflexões sobre o mundo, os sujeitos, seus espaços, vozes, sociabilidades e afetividades. Nas inúmeras disciplinas, cuja literatura se fez protagonista, conheci narrativas outras, belas histórias que contavam as vivências e experiências da diversidade existente na tríade luso-afro-brasileira. Entretanto, algo me incomodava como graduanda em Letras, pela Universidade Federal da Paraíba, a cada degrau alcançado e textos literários maravilhosamente belos lidos, questionava-me: por onde anda a literatura de mulheres do meu Estado? Ou melhor, será que mulheres vindas do mesmo lugar que eu, o alto sertão paraibano, também escrevem literatura?

Através do projeto de extensão *Mulheres em Cena: protagonismo das mulheres na cultura popular* (Ano II/Ano III), do qual fui bolsista, em que seu objetivo era de fornecer espaço, visibilidade e lugar de escuta às mulheres artistas, arte-educadoras, cordelistas, repentistas, romanceiras, poetisas, produtoras culturais, xilogravadoras, enfim, mulheres que protagonizavam o cenário popular nordestino, coordenado pela Profa. Dra. Luciana Calado, entre os anos de 2019-2021, tive uma imersão no universo da literatura popular feita por mulheres nordestinas, sobretudo, paraibanas. Com base nesse contato com várias escritoras paraibanas, algumas sertanejas, obtive diversos diálogos provocativos, como, por exemplo, questões de fomento e incentivo cultural – que quase não existia, e a visão ideológica das suas produções culturais – quase sempre marginalizadas. Então, comecei a compreender o porquê de não haver espaço para elas, também, na academia, haja vista essa exclusão possui um caráter estrutural. Assim, em quase 4 anos de curso, se não fosse a prática da extensão universitária, que propicia essas relações, talvez esta pesquisa não estaria sendo escrita.

Apesar da mudança curricular no curso de Letras - Língua Portuguesa ter acontecido em meados de 2019, dando liberdade às disciplinas de literaturas – que agora são abordadas por eixos temáticos, influenciadas pela proposta da professora Regina Zilberman (2005) – de ampliarem o leque de textos literários em suas aulas, ou mesmo existindo uma disciplina de Literatura Paraibana – como optativa – nunca ofertada desde a criação do PPC, em todo meu percurso acadêmico, não houve, mesmo com essa significativa mudança, textos de escritoras paraibanas no sertão do estado.

Essas provocações e incógnitas transitaram em minha mente durante quatro anos e meio de curso, aos anos finais da graduação, sem a oportunidade de conhecer, em meio a tantas disciplinas de literatura, a produção paraibana, de maneira quase autônoma, impulsionada pelo contato com os femininos de matrizes populares e sociais – por exemplo: o decolonial, além de uma posição em

comum com essas possíveis escritoras, o mesmo lugar de origem – decidi investigar onde andam essas mulheres.

Nesse contexto, não podemos enxergar mais, em pleno século XXI, o sertão como sendo uma atmosfera ruralista, arcaica e isolada do resto do mundo, mas, sim, como um espaço que parece estar em todo lugar em que se anuncie o desconhecido, e, por ser algo não dito e visto, torna-se uma incógnita a ser descoberta. Para pensar no sertão, *a priori*, precisamos enxergá-lo como algo não delimitado, ou seja, há uma simbologia em sua materialidade – sujeitos, contornos geográficos, fauna, flora, arquitetura, organização social etc, relações humanas, espiritualidades, representações artístico-culturais.

Embora o sertão, no imaginário popular, hodiernamente, não mantenha tantos aspectos estereotipados, algumas características tendem a permear como uma herança incrédula, principalmente no que concerne à figura feminina. Cabe aqui desmascarar tais condicionamentos como maneira consciente de resistir a eles. Como Nísia Trindade de Lima (1999) afirma, em seu livro *Um sertão chamado Brasil*, não se deve naturalizar a palavra como pertencente a um “espaço físico claramente delimitado, que desconsidera sua gênese e a alta carga de valores simbólicos a ela associada” (Lima, 1999, p. 58). Tal lugar (re)faz seus sujeitos, porque há, acima de tudo, um contato simbiótico à natureza específica, esta que autentica o ser e o penetra, moldando ou (des)moldando seus valores, comportamentos e conflitos. Nesse sentido, deve-se compreender os sertões como um conceito amplo, referente a territórios e práticas culturais distantes dos centros de poder e do litoral, situados no que podemos nomear de uma verdadeira dinâmica brasileira.

Infelizmente, desde os tempos remotos aos dias atuais, acredita-se erroneamente que mulheres ocupam um lugar secundário na seara do sertão nordestino. Isso por estarem condicionadas em um espaço “coroadado” como masculino, ratificando o que Tânia Maria Vasconcelos (2019) cita: “as representações de gênero ligadas ao sertão foram perpassadas por estereótipos que associam o masculino” (Vasconcelos, 2019, p. 318), imbricado pelos valores da “moral e dos bons costumes”. Tal premissa não é por acaso, pois com a colonização tardia dos interiores, os valores instituídos pelos colonizadores, já praticados nos litorais lapidaram-se com mais força e eficácia nos espaços interioranos. Isso explica o caráter tradicionalista e misógino que o sertão, embora já deveras transformado socialmente, apresenta.

Na ordem patriarcal que rege esse imaginário, a literatura regionalista brasileira inscreveu grande parte de suas personagens femininas ao lado de ou sob figuras masculinas. Mesmo nos casos em que a mulher institui-se como o polo da razão, do bom senso (Satini, 2018, p.270).

Essas correntes sociais e de gênero que se relacionam às sertanidades entram em diálogo com as teorias pós/decoloniais, assim como incorpora o conceito de interseccionalidades, dito por

Lugones (2020, 2014), dando visibilidade às sujeitas/os ausentes de uma historiografia que “tradicionalmente não considera sujeitos em situação de margem, que vivem em territorialidades sertanejas” (Veiga, 2019, p. 196). Então, mulheres escritoras que se consideram sertanejas são de uma categoria coletiva não universalizante, haja vista que vivem experiências revolucionárias distintas, assim como suas personagens e no eu-lírico dos poemas. Tais movimentos produzem culturas e artes que se transformam em verdadeiros manifestos na visibilidade do cotidiano de mulheres sertanejas, um desses mecanismos de conquista de espaço é a própria literatura, no qual, autoras protagonizadas no livro *Ritos e Versos para o fim do mundo*, vindas de um contexto sertanejo, reconhecem-se como tal e transfiguram para sua obra.

Dessa forma, os feminismos foram construídos historicamente através do enfrentamento direto das mulheres à ordem androcêntrica, bem como por suas sutis formas de rebeldia. Diante disso, conforme Vânia Nara Vasconcelos (2019), o uso cada vez mais frequente do termo feminismos, no plural, em substituição ao feminismo, no singular, revela a diversidade e multiplicidade das práticas dos movimentos e sujeitos/as envolvidos/as. Sendo essas mulheres viventes de contexto subalterno, mas que reivindicam suas existências, enxerga-se, portanto, que tais sujeitas possuem e fazem parte da decolonialidade, isso porque privilegiam “a contestação à colonialidade do saber, também aponta caminhos de avanço político agora na chave latino-americana” (Hollanda, 2020, p. 13-14), traduzindo de forma singular os novos percursos discursivos a partir do seu lugar de existência – o sertão.

Assim sendo, esse trabalho busca, mediante uma análise do livro *Ritos e Versos para o Fim do Mundo* (2022), identificar quais as temáticas abordadas por essas escritoras sertanejas na Paraíba, suas resistências, subjetividades e conflitos, a partir dos estudos decoloniais e dos estudos sobre sertanidades. Quanto aos procedimentos metodológicos, partimos de uma pesquisa bibliográfica, exploratória, de abordagem qualitativa. Buscamos elencar alguns dos principais teóricos acerca do feminismo decolonial, como Lugones (2014, 2020), Curiel (2020), Gonzalez (2020^a, 2020^b), Hollanda (2020), Ribeiro (2019). Para falar sobre sertanidades e a mulher no contexto sertão, utilizamos os estudos de Veiga (2019) Vasconcelos (2019), Moreira (2016), entre outros. Além disso, realizamos uma entrevista exclusiva com uma das organizadoras do livro – Lua Lacerda, escritora sertaneja natural de Cajazeiras, Paraíba. Na conversa, procuramos discutir sobre o processo de construção e publicização do livro, debatemos sobre o acesso ao incentivo cultural das artistas no interior paraibano, sobre ser mulher e escritora no sertão, sobre os vários sertões e seus diversos olhares, além do movimento de resistência e afeto das mulheres sertanejas, entre outras questões.

Ainda nos procedimentos metodológicos, quanto ao caráter analítico da pesquisa, construímos uma tabela disposta em quatro colunas, na qual cada uma, respectivamente, contém: Gênero Literário, Título, Autora, Temáticas presentes nos textos de cada autora. Mediante isso, a tabela teve o objetivo de elencar, de forma didática e prática, as principais temáticas trazidas pelas autoras, de origem ou residentes no sertão da Paraíba, com base na coletânea citada acima, a diversidade de gêneros literários e as cidades das quais as autoras escrevem. Por fim, quanto à organização estrutural da pesquisa, elencamos dois capítulos, o primeiro corresponde às questões teóricas sobre o feminismo decolonial e o segundo às discussões sobre o sertão e representação da mulher, seguido da análise do corpus. A seguir, trataremos do conteúdo disposto em cada parte do texto.

No primeiro capítulo, intitulado *Um lugar de fala: as mulheres sertanejas e os estudos sobre decolonialidades*, abordaremos as principais discussões acerca do feminismo decolonial. Desse modo, dividimos o capítulo em três tópicos, o primeiro discute o lugar de fala, da pesquisadora Djamila Ribeiro (2019), relacionando esse conceito com a posição de mulheres sertanejas. O segundo diz respeito às contribuições de gêneros nos estudos decoloniais, discutindo, por exemplo, sobre as contribuições de Maria Lugones (2014, 2020) e Aníbal Quijano (2005), entre outros autores, ao dissertarem sobre a interseccionalidade, colonialidade do poder, do ser, do saber e, principalmente, do gênero.

O terceiro e último tópico discute sobre o potencial social e comunitário do feminismo decolonial, sendo ele um movimento de diversidades, com bases populares e ancestrais, sendo assim, nomes como Ochy Curiel (2020) e sua perspectiva práxis do feminismo decolonial e Leila Gonzalez (2020a, 2020b) com o conceito de amefricanidade se interrelacionam para fundamentar a interlocução das mulheres sertanejas com a perspectiva feminista decolonial, encerrando a primeira parte.

O segundo capítulo, denominado *O fim do mundo não é aqui!: com a voz, a literatura sertaneja de autoria feminina da Paraíba*, dá ênfase à literatura de mulheres sertanejas no interior da Paraíba. Tal seção se divide em dois tópicos, o primeiro discorre sobre alguns elementos importantes, como: o surgimento da Editora Arribaça, criada e estabelecida no interior da Paraíba, em Cajazeiras, completando, em 2023, seus 5 anos, a construção e ideia do livro *Ritos e Versos Para o Fim do Mundo*, a partir de uma entrevista com uma das organizadoras, Lua Lacerda, na qual ela disserta sobre o processo de produção do livro com a editora, escolha dos textos literários e discute sobre a mulher sertaneja e artista mediante o acesso à financiamento artístico-cultural, além de outras questões ideológicas, como a existência do patriarcalismo no sertão e a resistência do movimento dessas mulheres, citando o *Mulherio das Letras Sertão*.

O segundo tópico corresponde à análise do corpus, nele, iniciamos as considerações sobre o livro logo com o prefácio, escrito por Maria Valéria Rezende, autora e escritora radicada na Paraíba. Dando sequência, reiterando os aspectos metodológicos já citados, por meio de uma tabela, iremos expor as categorias temáticas escritas pelas autoras sertanejas em seus textos literários e, nos últimos parágrafos deste tópico, ajudaremos cada temática literária imbricadas às questões decoloniais e sobre os sertões e as mulheres que nele habitam.

Tal estudo busca ser um meio de registro dessas mulheres também na academia. Além de que, propõe demonstrar e confirmar a existência dessas corporeidades femininas e intelectuais no sertão paraibano, assim como documentar a complexidade e beleza da literatura sertaneja feminina no interior do estado. Nesse sentido, tal pesquisa tem o intuito de vislumbrar o caráter decolonial da literatura dessas mulheres e, também, delas mesmas, haja vista elas resistem a um sistema moderno colonial, colocando em cena outras narrativas sobre a vida de mulheres em um espaço onde sua posição ainda é, infelizmente, pré-determinada. Entretanto, não é isso que ocorre em *Ritos e Versos para Adiar o Fim do Mundo* (2022). Convidamos você, leitor, a descobrir o que há na escrita do “fim do mundo” e observar que é lá onde a verdadeira epistemologia e práxis da luta de mulheres acontece.

1. UM LUGAR DE FALA: AS MULHERES SERTANEJAS E OS ESTUDOS SOBRE DECOLONIALIDADES

1.1 Nós existimos!: Quando mulheres sertanejas evocam seus lugares de fala

Partindo da necessidade de enfatizar o lugar de fala da literatura de autoria feminina paraibana e sertaneja, é preciso discutirmos de onde vem o discurso dessas sujeitas. Para isso, nos basearemos no texto *Lugar de Fala*, da escritora brasileira Djamila Ribeiro (2019). Para a autora, a hierarquia estruturada da sociedade ocidental capitalista faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes de grupos subalternizados sejam tratadas de igual modo inferior. Assim, a própria estrutura social mantém certos grupos em um lugar de silêncio. O lugar de fala diz sobre “a tentativa de analisar discursos diversos a partir da localização de grupos distintos, e mais: a partir das condições de construção do grupo no qual funciona” (Ribeiro, 2019, p. 57).

Primeiramente, a autora afirma que o lugar de fala seria um instrumento teórico-social que compreende as diferentes posições sociais e suas importâncias discursivas. Segundo a sua definição, o conceito remete ao local de fala do enunciador, o qual leva em consideração sua realidade social, financeira e pessoal ao proferir um discurso sobre determinado tema. O conceito de lugar de fala é uma tentativa de entender qual a realidade social do locutor e favorece a participação de grupos que têm menos voz ativa nas decisões e rumos da sociedade.

Nesse contexto, os discursos são diversos a partir da localização de grupos diferentes e das condições de cada um deles. Ao falar sobre as mulheres sertanejas, pretendo partir do mesmo lugar que elas, de uma mulher que também adveio do sertão. Todavia, sabemos que, mesmo com o espaço em comum, as experiências de mulheres, em diversas partes do sertão, a partir de suas interseccionalidades (de cor, classe e gênero) são distintas. Pretendo demonstrar essas várias experiências a partir do que essas autoras, que anunciam o “fim do mundo”, experienciam. Sendo assim, o lugar de fala que aqui disserto, vem do que Ribeiro (2019) afirma como aquele além de social e político, mas também é coletivo.

Entretanto, essas mulheres sertanejas, assim como outras mulheres não-eurocêtricas, tiveram múltiplas condições, ou melhor, objeções, para o não exercício do seu lugar de fala, que resultou em desigualdades e hierarquias até hoje contundentes a esse sistema. Isso acontece, porque, por não serem humanizadas, seus saberes também não são. Isso não significa que não haja formas de saberes ou formas de resistir, elas existem, mas as condições sociais de produção dificultam a sua visibilidade. Mulheres sertanejas, hodiernamente, embora acessem saberes e os produzam,

como a sua própria literatura, ainda, embora tenham ganhado espaço, lutam para visibilizar ainda mais. Portanto, “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social” (Ribeiro, 2019, p.64)

O lugar de fala e a visão feminista nos ajudam a refutar a universalidade do pensamento, promove a multiplicidade de vozes, quebra o discurso único, fortalece mulheres que antes não eram fortalecidas ou reconhecidas e retiram-nas do lugar do imobilismo. Como mulher sertaneja, o lugar de fala pode nos aparentar algo nunca sonhado, haja vista que ser participante de um grupo não significa que ocupamos socialmente e politicamente as experiências desse lugar, logo que podemos não ter consciência que ocupamos aquele espaço. Contudo, o fato é que ocupando socialmente determinado lugar, teremos experiências diferentes e outras perspectivas de alguns fatos.

As mulheres que ocupam áreas geográficas sertanejas reconhecem o espaço que ocupam, ou que podem ocupar, identificam o tipo de violência que sofrem, mas uma boa parte ainda não tem acesso a essa epistemologia política e social, ao espaço para se colocar, protagonizar. É nesse ponto que Djamila Ribeiro se faz essencial, porque o lugar de fala visa quebrar com a visão universal dessas mulheres, caracterizando-as por suas especificidades, isso porque “os saberes produzidos pelos indivíduos de grupos historicamente discriminados, para além de serem contradiscursos importantes, são lugares de potência” (Ribeiro, 2019, p.75), pois, por exemplo, mulheres sertanejas da Paraíba, possuem aspectos distintos de mulheres advindas de outros Estados, a literatura que é representada e é escrita por essas mulheres também é única, diversa, multiforme, assim como elas.

Diante disso, para falar sobre a escrita de mulheres sertanejas, tal como a representação ficcional dessas mulheres mediante a própria escrita de sujeitas que, ou nasceram no sertão ou viveram/vivem no sertão, é interessante delimitar de onde vem esse discurso. Digo sujeitas, pois, nesse estudo, estamos falando de mulheres, essas que já não têm o espaço que elas deveriam possuir, logo, tal escolha de flexão na palavra propõe evidenciar o feminino, essas mulheres como porta vozes do meu percurso de pesquisa e de suas existências. Fundado nisso, como mulher nascida e criada no sertão da Paraíba, com raízes rurais e de família trabalhadora classe média, quero, nesse estudo, expor a existência dessas outras mulheres que escrevem sobre ser mulher no sertão e sobre o espaço sertão, sua magnitude, ambientação e significações. Tomando consciência, também, de que cada vivência e representação d(elas) é válida, levando em consideração as experiências que atendem, principalmente, os traços de raça, sexualidade, gênero e classe, fazendo delas – que já assumem uma posição tão contra discursiva – potências e resistências. Focaremos na evocação de uma decolonialidade feminista sertaneja, apropriando-se de todos os nossos lugares de falas que, por tanto tempo, foram silenciados

1.2 Contribuição de gênero nos estudos decoloniais: alguns apontamentos

Nessa linha de pensamento, outras autoras discutem essa influência do sistema moderno-colonial frente às mulheres perante uma perspectiva antiga, com resquícios, até mesmo, da nossa colonização. A estudiosa Claudia Lima Costa (2010), adverte para a necessidade de também confrontarmos radicalmente o racismo que insiste em emudecer as vozes malinches e mestiças, indígenas, negras, lésbicas e *queers* em seus vários lugares de enunciação, até mesmo, como aqui é o caso, mulheres sertanejas. Logo, ela propõe uma análise radical das especificidades da nossa história, sobretudo, a partir da mestiçagem, para pensar nas primeiras mulheres – negras e indígenas – que estão, hodiernamente, ressignificadas nas mulheres de hoje, não brancas, de zona periférica e marginalizada, advindas e viventes de classes populares.

No livro *Sob a Luz do Lampião*, da professora Jailma Moreira (2016), em diálogos com a perspectiva de Claudia Lima (2010), ela também afirma sobre essa herança interseccional de mulheres indígenas e negras perpassadas às mulheres sertanejas, afirmando que o sistema colonial que formou aquelas mulheres como sujeitas, muitas vezes, oprimidas, foi o mesmo que formou as mulheres advindas de lugares remotos do país – o sertão. Leila Gonzalez (2020a) também fala sobre isso quando discute a “amefricanidade” – trataremos dessa relação a posteriori.

Um contrateito, então, viria de suas estratégias de sobrevivência, de suas histórias de vidas dissonantes e dissidentes, expondo essas narrativas dominadoras, lineares e totalitárias de fundação do Brasil. São as índias de ontem e de hoje, são as mulheres subalternas brasileiras situadas nessa zona instável, que engendram a idéia de minoria política mais inquietante entre nós (Moreira, 2016, p.32).

As mulheres sertanejas advindas de suas ancestrais – tematizadas por Costa (2010) como as primeiras sujeitas do Brasil negras e indígenas – também foram colonizadas a não colocarem “suas vergonhas de fora”, assim como dizia Caminha. A lógica falocêntrica e colonial do sertão vem das práticas coloniais já instauradas, então, quando a mulher – seja ela sertaneja ou não – desvincula-se dos seus valores tribais, ela se enquadra nas perspectivas feministas decoloniais. Isso porque, conforme Hollanda (2020), elas aderem e valorizam suas cosmogonias, representam “às populações rurais e às populações periféricas que têm práticas bem diversas daquelas previstas no feminismo eurocêntrico” (Hollanda, 2020, p.24).

Um exemplo dessa resistência feminina na Paraíba é a tradicional *Marcha das Margaridas da Paraíba*, que surgiu no ano 2000, através da inspiração de Margarida Maria Alves (Alagoa Grande-PB), uma liderança referência que defendia os direitos dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. O movimento é uma ampla ação estratégica das mulheres do campo e da floresta, promovida pelas Federações e Sindicatos, que se consolidou na agenda do Movimento Sindical de

Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais – MSTTR, movimentos feministas e de mulheres trabalhadoras e centrais sindicais e organizações internacionais (Silva, 2016).

Antes de virar uma Marcha Nacional, as mulheres do Brejo Paraibano, na década de 1970, já lutavam pelos seus direitos, nas vozes não só de Margaria Maria, mas também de Maria da Penha Nascimento, fundadora, junto com outras mulheres paraibanas, do Movimento de Mulheres Trabalhadoras do Brejo Paraibano (MMB) (Silva, 2016). O movimento acontece sempre em agosto para lembrar o mês em que Margarida Alves foi assassinada. A Marcha das Margaridas coloca milhares de mulheres do campo e da floresta vindas de todo o Brasil em marcha nas avenidas de Brasília. Tal movimento, assim como o feminismo decolonial, visa a

Fortalecer e ampliar a organização, mobilização e formação sindical e feminista das mulheres trabalhadoras rurais; Reafirmar o protagonismo e dar visibilidade à contribuição econômica, política e social das mulheres [...]; Denunciar e protestar contra todas as formas de violência, exploração e discriminação, e avançar na construção da igualdade para as mulheres; Lutar pelo aperfeiçoamento e consolidação das políticas públicas voltadas às mulheres do campo, da floresta e das águas desde a esfera municipal, estadual e federal, contribuindo para que elas incidam no cotidiano das mulheres do campo, da floresta e das águas (Paixão, 2019, [s. d.]).

Dessa maneira, parte da luta ativista sindical, dita pelos estudos decoloniais, constituindo um feminismo comunitário e popular que “organizam-se não apenas na luta pela descolonização, mas também pela superação do capitalismo e pela construção de uma nova relação com a natureza” (Hollanda, 2020, p.25).

Percebe-se que, antes de falarmos em feminismo, precisamos entender o que essas mulheres à margem consideram como feminismo. Isso porque a experiência dos feminismos periféricos ajuda a entender as desigualdades existentes. É necessário estabelecer, como afirma Holanda (2020) uma consciência diferencial, que une mulheres de todos os segmentos em prol de algo comum. A partir dessa premissa, autoras como Leila Gonzalez (2020b, 2020a), Lugones (2014; 2020) e Curiel (2020), propõe categorias epistemológicas, para que mulheres latinas, terceiro mundistas, se reconheçam numa luta categoricamente delas.

Maria Lugones (2014; 2020) foi a percussora do Feminismo Decolonial através do seu texto *Rumo a um Feminismo Decolonial*, no qual ela fundamenta uma análise profunda do sistema moderno-colonial, a partir de uma “crítica contemporânea ao universalismo feminista feita por mulheres de cor e do terceiro mundo centra-se na reivindicação de que a intersecção entre raça, classe, sexualidade e gênero vai além das categorias da modernidade” (Lugones, 2014, p. 935). Nesse texto, a autora diferencia, por exemplo, o *colonialismo* da *colonialidade* e analisa que tal sistema, na verdade, enfatiza uma lógica categorial dicotômica e hierárquica central para o pensamento capitalista e colonial moderno sobre raça, gênero e sexualidade.

Para a autora, um sistema moderno colonial de gênero, visto que ela acrescenta essa categoria nos estudos decoloniais, precisa romper com essas dicotomias hierárquicas e tal lógica colonial eurocêntrica, além de desconstruir o capitalismo e sua visão acerca dessas demais categorias (raça, sexualidade e gênero). Com isso, o surgimento de um pensamento decolonial, que enxergue esses movimentos sociais e epistemológicos às margens, que compreenda que o feminismo branco eurocêntrico não atendia às demandas de todas as mulheres, sobretudo as terceiro-mundistas.

No seu estudo *Colonialidade e Gênero*, a autora aprofunda a ideia de gênero através do conceito de Anibal Quijano (2005) sobre colonialidade do poder, que, conforme o autor, seria a relação entre modernidade/colonialismo e capitalismo que criam um padrão mundial de poder. Assim, para ele o poder está estruturado em relações de dominação, exploração e conflito entre atores sociais que disputam o controle dos quatro âmbitos básicos da vida humana: sexo, trabalho, autoridade coletiva e subjetividade/intersubjetividade, seus recursos e seus produtos (Quijano, 2005). Lugones (2020) observa que, para Quijano (2005), as lutas pelo controle do “acesso ao sexo, seus recursos e produtos” definem a esfera sexo/gênero e são organizadas a partir dos eixos da colonialidade e da modernidade.

A grande questão é que Quijano (2005) sustenta o padrão mundial na ideia de raça, com a autoridade de uma classificação racial/étnica, ou seja, índios, negros, mestiços, brancos, e uma classificação geocultural, América, África, Oriente (Distante e Próximo), Ásia Ocidental e Europa, sendo o último, como padrão mundial superior absoluto. Lugones (2020) considera as ideias de Quijano (2005) e sua contribuição para os estudos decoloniais, porém, ela afirma que sua classificação não dá conta, de forma suficiente, da questão de gênero, pois a

colonialidade” não se refere apenas à classificação racial. Ela é um fenômeno mais amplo, um dos eixos do sistema de poder e, como tal, atravessa o controle do acesso ao sexo, a autoridade coletiva, o trabalho e a subjetividade/intersubjetividade, e atravessa também a produção de conhecimento a partir do próprio interior dessas relações intersubjetivas (Lugones, 2020, p.58).

Apesar de acolher a proposta do autor, ela afirma que a sua proposta sobre a colonialidade não acopla todos os aspectos, pois o autor foca somente nas questões raciais, que, embora sejam importantes, não determinam sozinha a configuração da colonialidade do poder; ela é acompanhada pelo gênero:

O olhar de Quijano pressupõe uma compreensão patriarcal e heterossexual das disputas pelo controle do sexo, seus recursos e produtos. Ele aceita o entendimento capitalista, eurocêntrico e global sobre o gênero. Seu quadro de análise – capitalista, eurocêntrico e global – mantém velado o entendimento de que as mulheres colonizadas, não brancas, foram subordinadas e destituídas de poder (Lugones, 2020, p.56).

Antes de tudo, é importante salientar que gênero e raça, não são postos como um maior ou em detrimento do outro, mas sim como categorias essenciais e complementares. Ela acrescenta, afirmando que o estudioso admite uma noção de sexo categorial, tendo em vista que o gênero que ele tematiza, segundo a autora, está ligado a uma relação humana reservada ao homem branco europeu como possuidor de direitos, já sua companheira mulher como servidora da reprodução da espécie. Ela afirma que a ideia de “raça” para o autor é generalizada, pois o seu eixo “colonialidade” não é suficiente para dar conta de todos os aspectos do gênero. O autor, nesse caso, para Lugones (2020), assume que as diferenças de gênero são formadas nas disputas pelo controle do sexo, seus recursos e produtos, isto é, somente o controle do sexo determina o gênero, um entendimento do sexo como um atributo biológico.

No padrão de Quijano, o gênero parece estar contido dentro da organização daquele “âmbito básico da vida”, que ele chama “sexo, seus recursos e produtos”. Dentro do quadro que ele elabora existe uma descrição de gênero que não é questionada, e que é demasiadamente estreita e hiperbiologizada – já que traz como pressupostos o dimorfismo sexual, a heterossexualidade, a distribuição patriarcal do poder e outras ideias desse tipo (Lugones, 2020, p. 60-61).

Assim, a própria noção de interseccionalidade, também tematizada pela autora, encontra-se distorcida conforme a noção do autor, visto que ele interpreta erroneamente as mulheres de cor, pois, na categoria de gênero de Quijano (2005), a intersecção entre mulher e negro não existe, e lá deveria estar as mulheres negras, porém, o autor não enxerga raça e gênero e coisas fundidas, indissociáveis, dando lugar a mulher de cor, no sistema interpretado por ele, essas outras mulheres acabam adentrando um entrelugar. Lugones (2020) propõe um olhar à interseccionalidade, como aquela que revê o que não é visível quando as categorias como gênero e raça são analisadas separadamente. Por fim, a autora diz que designar um ser vai muito mais que só enxergar um sexo, mas também pelo o fato da própria pessoa ser digna de se reconhecer nesse lugar. Sendo assim, quando Quijano (2005) reduz o gênero à organização do sexo, para cair numa pressuposição sobre quem controla o acesso a ele.

Quijano parece dar como certo que a disputa pelo controle do sexo é uma disputa entre homens, competindo entre si pelo controle de recurso que são entendidos como femininos. Parece que ele não entende os homens como “recursos” nos encontros sexuais. Assim como parece que as mulheres não disputam em nenhum nível o controle do acesso ao sexo. As diferenças são pensadas nos mesmos termos em que a sociedade entende a biologia reprodutiva (Lugones, 2020, p. 62).

Porém, Lugones (2020) abre um parêntese ao falar que toda essa lógica binária, dicotômica e patriarcal não é algo biológico, mas, sim, construções advindas do colonialismo que se reverberam num sistema moderno/colonial. Ela exemplifica isso afirmando que antes da chegada dos colonizadores, nas américas, haviam outras posições de gênero que não estas hierarquizadas e

dicotômicas inventadas pelos colonizadores, que impuseram gêneros binários na qual os homens assumem o modelo patriarcal, destruindo estruturas tribais que vivenciavam outros modelos, como os matriarcais. Ela usa essas comunidades pré-colombianas de exemplo para mostrar a limitação de Quijano (2005) e promover a magnitude do gênero.

Para ela, a colonialidade de gênero envolve três questões, o conceito de colonialidade e modernidade europeia, o eurocentrismo e a interseccionalidade entre raça e gênero. A autora percebe que o gênero é relacional e, por esse motivo, é um modo subjetivo de dominação. Lugones (2020) diz que quando o sistema moderno colonial utiliza estratégias e práticas discursivas para colonizar os nativos, está recorrendo a uma dimensão de gênero e raça, pois determinam como podem ser as condutas, normas, posições de mulheres e homens pertencentes à América Latina.

Ainda, nesse sistema moderno colonial, a autora se aprofunda ao citar que tal construção possui uma organização moderna do gênero, com dois lados, um visível/iluminado e o outro obscuro, no qual, para ela, o lado iluminado seria o dimorfismo biológico, a heterossexualidade e o patriarcado como imposição colonial moderna de gênero. Já o lado obscuro como violento, reverberando as destruições, genocídios e massacres de organizações de gênero distintas desse sistema moderno colonial, que, na maioria das vezes, animalizam, sobretudo, mulheres de cor, que nessa conjuntura não são representadas nem como categoria mulher, nem como categoria negra. Logo, para enxergá-las é necessário, segundo a autora, o olhar já mencionado anteriormente, como aquele que enxerga gênero-raça inseparáveis, não desumanizador de mulheres, mas que proponha uma interseccionalidade.

Assim, Lugones (2020) diz que é preciso ressignificar tal autoritarismo de raça e gênero como categorias dicotômicas, buscando investigar e entender a indiferença social a essas outras mulheres – não brancas e burguesas – “[...] mulheres vítimas da colonialidade do poder e, inseparavelmente, da colonialidade do gênero; mulheres que criam análises críticas do feminismo hegemônico, precisamente por ele ignorar a interseccionalidade das relações de raça/classe/sexualidade/gênero” (Lugones, 2020, p. 53).

1.3 Feminismo decolonial: um movimento social de identidades

Outra autora importantíssima para se pensar o feminismo decolonial e a decolonialidade é Ochy Curiel (2020), tendo em vista que ela não limita o feminismo decolonial à análise epistemológica, mas, sim, propõe uma verdadeira dimensão prática e social da vivência feminista.

Para isso, ela problematiza o que se entende por pós-colonial, caracteriza o feminismo decolonial e problematiza metodologias feministas, além de propor uma metodologia feminista decolonial.

Inicialmente, para a autora, o pós-colonial não é um movimento linear, portanto não é algo findado, não é algo que ficou no passado, nem o que vem depois, vai além das relações binárias de Primeiro Mundo/Terceiro Mundo, colonizador/colonizado. É um discurso permeado no Terceiro Mundo. É aquele que ajuda a descrever o deslocamento nas relações globais marcadas por uma transição desigual da época dos impérios para o momento das pós-independências. Logo, a partir dele, novas relações de poder surgem. Todavia, a autora critica essa denominação baseando-se no argumento de que o feminismo denominado pós-colonial não se envolve com práticas sociais, aderem a lugares mais formais de conhecimento, que, para Curiel (2020), quase sempre não é possível efetivar seus postulados nas lutas concretas, pois há um distanciamento.

A maioria das feministas pós-coloniais, [...] estão inseridas em espaços acadêmicos que, embora sejam espaços de disputas políticas, pouco se envolvem em movimentos sociais. Isso limita as possibilidades de descolonização do saber, já que não há o reconhecimento de categorias, conceitos e epistemes que surgem nas práticas políticas produzidas por muitas mulheres – sem privilégios de raça, classe, sexualidade e geopolítica – em suas comunidades. E, sobretudo, não é possível ancorar as análises produzidas nas realidades materiais e nas lutas concretas que são travadas em diferentes lugares (Curiel, 2020, p.125).

Então, para ela, o feminismo decolonial é o entendimento crítico dessas novas relações de poder coloniais em novas roupagens. Curiel (2020) diz que a América moderna de hoje é um produto da modernidade sistema-mundo, no qual a Europa a moldou como sua periferia, mediante práticas do colonialismo. É assim que essa relação entre modernidade-colonialismo e capitalismo mundial cria um padrão mundial de poder, que o peruano Aníbal Quijano (2005) chamou de colonialidade do poder, outro conceito importante resgatado pelo feminismo decolonial já mencionado. A partir dessa discussão, Curiel reflete sobre alguns principais conceitos que são importantes para o feminismo decolonial, como a *colonialidade do poder*, de Anibal Quijano.

Entretanto, não somente ela, a autora cita a colonialidade do ser, de Maldonado Torres (2007) e a colonialidade do saber, de Edgardo Landier (2000), em que, respectivamente, uma se refere à negação da humanidade, ou melhor, é negado a comunidades e “seres” periféricos a sua própria humanidade, pois sua caracterização de humanidade atrasa a modernização. Já o outro conceito diz respeito a uma única forma notada e científica válida de conhecimento, que, segundo tal modelo, detém de um saber neutro para todas as culturas, porém tendem a priorizar saberes eurocêntricos. Curiel (2020) problematiza esses conceitos os denominando como *lado escuro do sistema moderno-colonial* [de Lugones (2020)], mas afirma que esses três conceitos são chaves importantíssimas para o entendimento do feminismo decolonial, enfatizando que, o uso crítico deles junto às metodologias teorizadas à prática consolidam o movimento.

Logo, o seu conceito de feminismo é pautado em práticas, em experiências, em ter como falar por já se ter presenciado. Não limitando a epistemologia a somente o valor da ciência na experiência, mas entendendo que aquele que não vê e fala, é bem-vindo a falar, mas aquele que vê e fala, fala com mais propriedade. Por fim, Curiel (2020) propõe uma metodologia feminista analisando quem são os sujeitos do conhecimento e os objetos do conhecimento, segundo ela, sua metodologia propõe desvirtuar a ideia do colonizador como sujeito do saber – aquele que fala – e o colonizado, cujo saberes subalternizados são marginalizados – aquele que é falado, mesmo sabendo falar sobre si.

A autora, a partir disso, propõe que façamos duas principais problematizações, para assim, dar cena aos outros conhecimentos. O primeiro passo é reconhecer e legitimar os saberes “outros”:

Trata-se de identificar conceitos, categorias, teorias, que emergem das experiências subalternizadas, que geralmente são produzidos coletivamente, que têm a possibilidade de generalizar sem universalizar, de explicar realidades diferentes contribuindo com o rompimento da ideia de que esses conhecimentos são locais, individuais e incomunicáveis (Curiel, 2020, p.134).

Fazendo isso por meio de um desencajamento epistemológico, isto é, descrevendo as formas, maneiras e discursos que definem certos grupos sociais como “outros” e “outras”, a partir de certos lugares de dominação. Isso deve ser feito por meio de grupos comunitários, pelas próprias intelectuais orgânicas de comunidades e lugares subalternizados, por ativistas comprometidos com a luta e resistência. Por fim, o segundo ponto é problematizar as condições de produção de conhecimentos, ou seja, quem possui mais meios de produzir conhecimento tem realmente o privilégio epistêmico.

Curiel (2020), através desse ponto, busca problematizar as propostas decoloniais que, mesmo anticoloniais, recolonizam os imaginários das mentes da intelectualidade. Ela propõe uma descolonização na prática, isto é: “É preciso fazermos pesquisas, propostas metodológicas e pedagógicas a partir de processos coletivos, de organizações e comunidades, para fortalecermos nossos próprios quadros analíticos, permitindo-nos, assim, buscar as melhores vias para a transformação social” (Curiel, 2020, p.136).

Por fim, atravessando a voz de Leila Gonzalez (2020b), o feminismo decolonial também perpassa pela herança afro-latino-americana e sua multiculturalidade, esta transmutada em mulheres e mulheres, dos períodos remotos à contemporaneidade. Gonzalez (2020b) disserta sobre uma identidade *Améfrica* criada pelas transnacionalidades entre sujeitos, costumes e lutas, que, claro, reverberam até os dias atuais resistindo a o sistema moderno-colonial. Chamamos essa herança coletiva, construída por esses diversos povos de “amefricanidade”, porém não somente isso, a amefricanidade diz sobre uma experiência comum, seja ela cultural, etnográfica e discursiva de

mulheres e homens negros na diáspora e à experiência de mulheres e homens indígenas contra a dominação colonial.

Portanto, a América, enquanto sistema etnogeográfico de referência, é uma criação nossa e de nossos antepassados no continente em que vivemos, inspirados em modelos africanos. Por conseguinte, o termo amefricanas /amefricanos designa toda uma descendência: não só a dos africanos trazidos pelo tráfico negreiro como a daqueles que chegaram à AMÉRICA muito antes de Colombo. Ontem como hoje, amefricanos oriundos dos mais diferentes países têm desempenhado um papel crucial na elaboração dessa amefricanidade que identifica na diáspora uma experiência histórica comum que exige ser devidamente conhecida e cuidadosamente pesquisada (Gonzalez, 2020b, p. 123-124).

Seria, portanto, o fruto da combinação do caráter multirracial e pluricultural das sociedades atravessadas pelo colonialismo. Isso não diz respeito somente a questões geográficas, tendo em vista que o próprio termo nos permite ultrapassar as limitações de caráter territorial, abrindo novas perspectivas para um entendimento mais profundo dessa parte do mundo onde ela se manifesta, encarando-o como um espaço ideológico, coletivo que compartilham de experiências comuns. Além do mais, a amefricanidade pensa nas categorias de gênero, a situação de mulheres americanas resulta nos processos históricos e contemporâneos de opressões interseccionais, isso porque mulheres terceiro mundistas – inclusive brasileiras – são amefricanas, descendem de mulheres de um passado colonial, herdaram, infelizmente, suas marginalidades, mas também suas potências.

Diante disso, entendemos, como já citado anteriormente, que mulheres negras e indígenas, advindas do processo colonial, deixaram essa herança amefricana para outras sujeitas contemporâneas geradas desses espaços periféricos. Dessa forma, mulheres proletárias, de cor, pobres, nordestinas e, sobretudo, sertanejas aderem a amefricanidade de Gonzalez (2020a, 2020b), porque resistem as colonialidades do poder, saber e ser, ao sistema moderno colonial, usam do seu lugar para sobrepôr saberes diversos, saberes esses germinados das suas experiências como mulheres vindas desses lugares sociais, portanto, essas sujeitas, segundo Gonzalez (2020a) compartilham seus lugares de resistência:

Gonzalez evidenciou as diferentes trajetórias e estratégias de resistências dessas mulheres e defendeu um feminismo afrolatinoamericano, colocando em evidência o legado de luta, a partilha de caminhos de enfrentamento ao racismo e sexismo já percorridos. Assim, mais do que compartilhar experiências baseadas na escravidão, racismo e colonialismo, essas mulheres partilham processos de resistências (Ribeiro, 2019, p.25).

A escrita de mulheres sertanejas representa o movimento social do ser mulher no sertão da Paraíba, ainda tão patriarcal, assim, a partir do objetivo da corrente feminista decolonial, sendo aquela que se debruça sobre todo movimento artístico-literário-social às margens, fornecendo sua devida importância, vê-se a literatura de mulheres paraibanas e sertanejas, concomitantemente suas personagens, como reflexões da decolonialidade, pois elas vivem e descrevem de maneira engajada

e afetiva sobre seus lugares de fala. A partir disso, por uma olhar da escrita etnográfica¹, dita por Rita Segato, nós pretendemos além de dar voz, também fornecer escuta a esses textos e a essas autoras.

1 SEGATO, L. R. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **E-cadernos CES**, v. 18, 2012, p. 106-131.

2 O FIM DO MUNDO NÃO É AQUI! COM A VOZ, A LITERATURA SERTANEJA DE AUTORIA FEMININA DA PARAÍBA

2.1 A editora Arribaça e a literatura de mulheres paraibanas sertanejas

Sendo a literatura paraibana, conhecida, sobretudo, como produto da cultura popular, é importante salientar que a história dos escritos literários, seja em qualquer região do país, originou-se a partir da oralidade. É nela que os escritos surgem, a partir das vozes das repentistas e pelejadoras do século XIX, como afirma a professora Francisca Pereira dos Santos (Fanka) (2010), as mulheres adentram, de forma ativista nos espaços interculturais, enfrentando os pelejadores homens e escrevendo sobre sua plena capacidade igualitária de pelear. Dessa forma, é sobre ombros de cordelistas, repentistas, pelejadoras, escritoras como Maria Soledade, Minervina Ferreira, Santinha Maurício, Maria das Neves Batista Pimentel, Lourdinha Luna, Ana Adelaide Peixoto, Joana Belarmino, Neide Medeiros, entre outras, que, hoje, mulheres escrevem ficção paraibana, sobretudo, do/no sertão da Paraíba.

Uma grande aliada dessas escritoras são as editoras independentes criadas e disseminadas pela potência das tecnologias digitais, ou seja, as redes sociais. Através de uma rede cibernética as editoras têm ascendido o espaço literário paraibano/nacional, por meio da divulgação de seus autores e títulos nas redes sociais como: Instagram, Facebook, Twitter etc. Isso, embora tardio, não é diferente no Sertão da Paraíba, principalmente quando surgem possibilidades de autores sertanejos também publicarem e conseguirem divulgação de suas obras via essa rede global. Isso tornou-se possível graças à editora Arribaça, localizada no sertão do estado, na cidade de Cajazeiras.

Seu nome diz sobre algo que nasceu para ganhar outros lugares, de permear espaços e promover interculturalizações, isso porque, conforme o próprio site da editora,

Arribaça, também conhecida como avoante, é um termo usado no Nordeste para designar uma espécie de ave migratória, que aparece no sertão, no fim do inverno. Em enormes bandos procuram comida em lugares onde crescem capim com sementes (Editora Arribaça, [s.d.]).

Dessa maneira, a editora, embora privilegie os artistas do lugar, também é aberta às literaturas de toda parte do Brasil, de modo a transterritorializar as diversas formas de fazer literatura. Criada no ano de 2018, a editora já conta com mais de 70 títulos publicados em diversos gêneros: biografias, acadêmicos, romances, contos, poesias, crônicas, infantis e religioso, entre outros. O objetivo da editora “é abrir mais um canal de produção de livros na Paraíba, com alcance para todas as regiões do país, com livros com a qualidade editorial de qualquer editora do mercado brasileiro” (Editora Arribaça, s. d.). Ela também conta com um espaço físico, localizada na Rua Pedro Américo, no mesmo município.

Os criadores e editores da Arribaça são Linaldo Guedes, que é poeta e jornalista, nascido em Cajazeiras, alto sertão da Paraíba, formado em Letras e com mestrado em Ciências da Religião, é membro da Academia Cajazeirense de Artes e Letras (ACAL), onde ocupa a cadeira 33, além disso, como jornalista, trabalhou em diversas empresas de comunicação da capital e do sertão. Além dele, outro criador e editor, Lenilson Oliveira, também cajazeirense, nascido em 1969, com experiências nas áreas de comunicação e magistério, ex-diretor administrativo da Rádio Oeste da Paraíba, ex-editor do Jornal CajáFolha, ex-colaborador de jornais e revistas locais e estaduais, diretor e editor da Revista Destaque e do site DestaquePB em Cajazeiras, além de licenciado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com Especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Faculdade São Francisco da Paraíba (FASP).

A editora, comemorando seus 5 anos de existência, no ano de 2023, lança o selo Anayde Beiriz, dedicado exclusivamente à produção literária escrita por mulheres: “A ideia é lançar livros em formato e-book dentro deste selo, com os mais variados temas literários ou não, mas destinado exclusivamente às escritoras, poetas, ensaístas, educadoras, sociológicas brasileiras, etc.” (Arribaça, [s. d.]). O selo *Anayde Beiriz* surge para tirar da defasagem uma lacuna existente na produção literária, acadêmica e de gênero escrita por mulheres. Com base no movimento *Mulherio das Letras Sertão*, criado em 2017, a produção literária das mulheres ganhou mais visibilidade.

Entretanto, esse protagonismo não se reflete em muitas publicações, devido aos altos custos para impressão de livros no país. No entanto, essa visibilidade não se traduz em muitas publicações, em função, principalmente, dos altos custos de edição e impressão de livros no país. O selo surge, por responsabilidade da jornalista e escritora Mabel Dias, incentivando a decolonizando os espaços, haja vista que a facilitação da publicação de escritoras de qualquer parte do país, já que, saindo em formato e-book, os custos diminuem consideravelmente.

A partir dessa abertura, a editora Arribaça proporcionou a diversas mulheres escritoras do sertão do estado um espaço para sonhar em publicar seus textos, esses que eram engavetados e nunca divulgados, conforme a organizadora do livro *Ritos e Versos para o Fim do Mundo* (2022), Lua Lacerda, em uma entrevista para a pesquisa. Tal entrevista teve como objetivo conseguir informações sobre o processo de produção do livro, a seleção dos textos para compor a coletânea e a participação da editora Arribaça nesse percurso. Além disso, teve o intuito de escutar, a partir do lugar de fala de uma das autoras e organizadoras do livro, qual a representação dessa produção para a literatura sertaneja da Paraíba, além de refletir e pensar em questões caras sobre ser mulher sertaneja e escritora no sertão do estado, o que elas escrevem e para quem.

Segundo a escritora Lua Lacerda, natural de Cajazeiras - Paraíba, o livro *Ritos e Versos para o Fim do Mundo* foi fruto do evento Mulherio da Letras Sertão, que aconteceu na mesma cidade no

ano de 2022, a partir de um edital. Logo, a reunião das escritoras se deu mediante a divulgação deste edital para que elas se inscrevessem e mandassem seus textos, que, segundo Lua, eram vários e muitos bons, mas permanecem engavetados por um sentimento de desesperança ou receio de publicação. A autora também conta que conheciam muitas mulheres escritoras cronistas, contistas, que muitas eram amigas e frequentavam as mesmas rodas de conversa, dessa forma, quando o edital foi homologado umas mandaram para as outras, instigando-as publicarem e finalmente se assumirem com mulheres do sertão que escrevem literatura.

Contudo, outros espaços, como os meios digitais – redes sociais –, jornais locais, também ajudaram bastante na divulgação do edital. Há, nesse movimento, muito do que Curiel (2010) afirma como sendo um feminismo decolonial de práxis, comunitário, no qual sujeitos se organizam entre si para questionar lugares e obter espaços. Após o edital, as organizadoras, Lua Lacerda, Veruza Guedes, Taiana Silva e Mirian Oliveira, todas mulheres sertanejas paraibanas, realizam a reunião e escolha dos textos para serem contemplados pela coletânea, visando, de forma proposital, abarcar diversos gêneros literários para demonstrar a gama multifacetada e plural da literatura feminina existente no sertão da Paraíba.

A organizadora fala que no processo de burocratização da publicação, primeiramente, a editora Arribaça não foi o primeiro nome cogitado, pois o *Mulherio* queria destinar verba e visibilidade a uma editora majoritariamente feminina que fosse do sertão do estado, mas isso não foi possível devido à ausência, clara e triste, de uma editora nesse cenário. Então, sendo a Arribaça do sertão do estado nova no mercado e independente, dando espaço para mulheres publicarem muito anos do edital existir, Lua conta que a parceria foi fechada de forma harmoniosa e fluida devido à proximidade das organizadoras com os editores e a maneira honrosa como a editora tratou todo o conjunto da obra, haja vista que é uma publicação majoritariamente com escritoras mulheres da Paraíba.

Quando questionada a justificativa de criação da obra, a autora respondeu sobre a necessidade de se datar, registrar, na historiografia literária, a existência de mulheres do sertão da Paraíba que escrevem literatura. Nesse sentido, evocar a margem, partindo de uma perspectiva decolonial de literatura, como também acionando um feminismo de escritoras que, consoante ela, não se reconheciam como tal. A necessidade do estabelecimento de uma contra narrativa:

O trabalho das mulheres não é socialmente valorizado como o dos homens. Só que quando a gente fazia o recorte do Sertão era ainda mais difícil, porque em termos de políticas públicas de cultura aqui no Estado da Paraíba, existe um sucateamento em relação ao Sertão, então assim, não tem verba, não tem editais, não tem se quer acesso à informação. Percebi que havia muito um movimento de sair do sertão para ir trabalhar com arte na capital, porque lá muitas vezes teria mais oportunidades. Era mesmo uma questão de ter acesso à informação, porque lá no sertão havia pouquíssimos recursos. Então a gente precisava fazer um evento de literatura feminina sertaneja, para organizar essas mulheres, tentar reunir, tentar provocar,

que elas lessem seus poemas, que elas falassem, que elas se apresentassem, mas não podia ser só isso. Precisava ter um registro histórico fotográfico do que as mulheres estavam produzindo para ser quase uma memória assim... de época e do que é que as mulheres sertanejas e escritas dizem (Lua Lacerda).

Quando a autora afirma sobre essa não valorização dos discursos femininos em detrimento dos masculinos, aciona, então, um sistema moderno colonial – dito por Lugones (2020), expressado, também, no ato de escrever literatura, principalmente quando ela faz o recorte do sertão, intensificando ainda mais essas desigualdades de fala e espaço. Entretanto, ela contradiz esse discurso que reproduz esse silenciamento e cita a necessidade de haver um registro dessa escrita corporal e resistente, não de mulheres sertanejas, que expressem, de fato, novamente, esse contra-discurso, não somente essa contra-narrativa simplória, indo de encontro a narrativa canônica do sertão e da mulher, mas em questionar a distribuição dos termos, em questionar os cálculos, em (re)contar de histórias, apostando na liminaridade do conhecimento, na ambivalência da na(rra)ção, para expor um

Traço suplementar dessas mulheres sertanejas, evocado para nos deixar ver a sua contra-narrativa, para afirmar que a mulher, entre as ondas do pedagógico e do performativo, nos ensina outras formas de luta, nos faz visibilizar o povo como sujeito de um presente que quer e pode obliterar qualquer passado imobilizador. Estas sertanejas, transmutadas num traço suplementar da na(rra)ção, afirmam a escrita do corpo e essa potência subalterna, que emerge não apenas para nos dizer algo, mas forçar-nos a ir além desse "quase salto que sempre aliena a teoria a uma impotência na prática - e nos colocarmos num verdadeiro e revolucionário trabalho de tradução e de compromisso teórico (Moreira, 2016, p.172).

O livro *Ritos e Versos para o Fim do Mundo* é um eu-múltiplo que constrói narrativas outras, servindo para incomodar essa falsa inclusão de mulheres sertanejas na historiografia literária. Sendo assim, não é uma espécie ativista de reivindicar lugares, mas são mulheres plurais em suas “sertanejidades” – com diz Lua – localizadas que dizem sobre suas singularidades e seus sertões.

Acho que isso é complexo, é sim uma forma de ativismo, mas creio que não são poemas intencionalmente ativistas, mas o lugar que essas mulheres contam, em suas sertanejidades, são mulheres negras, indígenas, gordas, lésbicas, são mulheres plurais, passa muito por essa questão da interseccionalidade, são mulheres diversas. Então, quando elas ocupam esses espaços, é inevitável que suas vozes estejam posicionadas e de que haja essa leitura de que são discursos também políticos, mas na verdade só são de existências, de mulheres que existem e que escrevem e por isso tem esse tom. [...]. Então assim, eu acho que na verdade nem é tanto um texto ativista, mas um texto localizado, de mulheres plurais e, então, quando elas elencam temas recorrentes na escrita, sempre falando de várias coisas, elas passam pelas suas próprias experiências, mas não vejo como intencionalmente ativista, embora haja um tom sim (Lua Lacerda, grifo meu).

A mais nítida manifestação de uma literatura decolonial, isso porque, como Gonzalez (2021) reivindica, o feminino decolonial – marcado pela amefricanidade – diz de um espaço interseccional, ou seja, que registra a raça, o gênero, a sexualidade e a classe como elementos determinantes das

representações de gênero, todas elas. Consequentemente, analisando criticamente a fala da organizadora, reitera-se que cada mulher, constituinte dessa literatura, tem sua maneira suplementar, singular e subjetiva de criar seu discurso-resistência, pois para as autoras pretas, lésbicas, indígenas, brancas, pardas presentes na obra, cada sertão é um sertão distinto, “até mesmo para as contra-narrativas: é preciso dizer das tensões de cada mulher, dos desejos de cada uma, das solicitações de cada uma no embate com a desestabilização das subjetividades instituídas (Moreira, 2016, p.171).

Esses lugares são evocados quando Lua nos afirma que não pode “falar por todas as autoras”, porque reconhece que cada escrita parte de uma resistência singular, com traços autobiográficos e ficcionais orbitando entre as linhas da narrativa. É interessante chamarmos atenção para a necessidade de deixar que essas mulheres falem por si mesmas:

Vem muito do desejo que eu quero que não falem por mim, eu quero poder relatar minhas experiências como mulher sertaneja, [...]. Eu tento ficar muito atenta para não dizer que as coisas só melhoraram, sendo que eu acho que precisa melhorar, que precisamos lutar, que precisamos de espaço, mais investimento na cultura da Paraíba (Lua Lacerda, grifo meu).

A organizadora conjectura que a obra quebra esse movimento silenciador do discurso de mulheres sertanejas, em que era preferível escutá-las pelas vozes de outras que as delas mesmas. Assim como Moreira (2016) diz “pode-se, em certas circunstâncias, falar pelo outro, assim, como esse outro, e ao mesmo tempo, pode melhor que ninguém, fala sobre si mesmo e da forma mais radical e revolucionário possível” (Moreira, 2016, p.125). Nesse sentido, a obra é um elemento constituinte dessa revolução de um lugar de fala, ou melhor, de agora elas assumirem os relatos das suas próprias vivências, não mais o outro. Um feminismo de resistência que sugere que possamos contestar as formas de dominação, para que assim sejam oportunizadas construções epistemológicas em que “mulheres que estão no entrelugar, nas fronteiras, que vivam múltiplas opressões possam ter outras oportunidades” (Lugones, 2014, p. 940).

A própria materialidade do livro, suas cores – amarelo, vermelho, preto – reafirmam a própria construção do espaço sertão na visão dessas mulheres. É importante salientar que a capa também foi construída e planejada por uma artista paraibana intitulada como Madá, residente na cidade de Campina Grande.

Figura 1: Capa do livro *Ritos e Versos para Adiar o Fim do Mundo* (2022)



Fonte: Editora Arribacã

Ao colocarem um plano de fundo laranja em tonalidade forte, refletindo o próprio sol que escalda o sertão da Paraíba, mas também ilumina esses outros dizeres, além de uma mulher em preto e vermelho, nos remetendo a um corpo que está em chamas e espalha esse fogo em uma escrita visceral que dilata o desejo de falar sobre ser-mulher no sertão. Por fim, tal personagem segura a cabeça de uma cobra – sendo um símbolo de perigo, traição, em um sistema ocidental – mas também sendo um animal altamente adaptável – em analogia as mulheres do sertão –, que troca de pele, sobrevive solitariamente, que movimenta seu corpo como uma dança.

A mulher e a cobra parecem se enfrentar e simultaneamente se entender, dançar, confluir, uma espécie de rito, personagens representativos de uma verdadeira resiliência a seu espaço. O ato de segurar a cobra com firmeza diz da coragem dessas mulheres de sobre(viverem) sozinhas, de trocarem suas peles sempre que necessário, de atacar aqueles que burlam seu espaço. Entretanto, ao dançarem em suas complexidades, a mulher e a cobra demonstram o espaço narrativo dessas escritoras, que dançam com as próprias armadilhas superpostas a elas e transgridem de forma bela, minuciosa e forte, deixam rastros enigmáticos de uma mudança da posição do imaginário feminino no sertão, diz também do próprio desejo e sedução presente nesses corpos e que agora podem ser desnudos graças à escrita literária dessas autoras.

Isso se confirma com o título do livro, *Ritos e Versos para o Fim do Mundo*, que, consoante Lua, a ideia vem da necessidade de desestigmatizar a ideia de que o sertão “É o fim do mundo”.

Eu lembro que o título, por exemplo... Vamos lá, a gente do sertão, escuta muito que nós somos, que moramos ‘no fim do mundo’. ‘Ah, onde é que você mora?’, ‘Moro em tal lugar’, ‘Ave, o fim do mundo’. Então, nós queríamos essa homenagem e essa outra significação dessa expressão, daí vem “Ritos e Versos para o fim do mundo”. Foi mais ou menos esse processo. [...] mas um adendo, não era só porque somos taxadas assim, mas era uma forma de reinventar, de apropriar e inverter. [...] a gente pegou esse termo estereotipado... e “então vamos lá, vamos nos apropriar e dar um outro significado (Lua Lacerda).

Um movimento de reescritura, de desconfiguração do espaço sertão como sendo aquele que não há vida, não há perspectiva. Usar de uma narrativa canônica-ocidental que intitula, repete e fixa esse lugar como o “fim do mundo”, para, através dessa ideologia, demonstrar o que há de fato nesse mundo, utilizando o discurso do colonizador contra ele, revigorando novas formas de reescrituras femininas. É sobretudo a partir do movimento feminista dos anos de 1960 que se tem, de fato, um deslocamento de discurso patriarcal ramificado em todos os domínios (histórico, científico, político, estético, crítico literário, entre outros), assim como com o estabelecimento de uma linha de combate, diuturna contra esse poder patriarcal que já se naturalizou como o lugar da verdade.

Nesse sentido, escrever contra ordem se avalia o valor que essa mesma ordem tem estabelecido, logo, percebe-se que “o fim do mundo” não é uma visão absoluta, é adornada de um sistema capitalista perverso. Para isso, outros olhares decoloniais são necessários para subverter esses símbolos e expressões, então, nada melhor que os próprios sujeitos do fim do mundo, falando sobre ele. Assim como a emblemática capa e a simbologia do título, a diversidade de gêneros literários presente no livro também significa algo e, como nos afirmou Lua, foi colocada de forma proposital.

Sim, nós queríamos propor essa diversidade, mesmo sabendo que seria um risco não ter textos que cobrissem todos os gêneros. [...] Então foi intencional, sabíamos que havia essa diversidade muito grande e conhecíamos escritoras de perto que eram ótimas cronistas, ótimas contistas, poetisas. Era necessário mostrar essas diversas faces, essa pluralidade (Lua Lacerda, grifo meu).

Em *Ritos e Versos para o Fim do Mundo*, temos desde poesia e cordel, a crônicas e contos, criados por várias autoras, esse jogo de tipologias textuais literárias foi posto de forma proposital na coletânea, para enfatizar a diversidade literária escrita no sertão do estado, além de trazer à tona uma literatura não simplória, mas complexa, com qualidade e especificidades em cada gênero.

Lua disserta sobre o impacto do patriarcalismo nessas mulheres escritoras que “não publicaram seus textos, porque falta coragem, porque tem vergonha” (Lacerda, 2023) e ela confirma que isso, de início, era um mecanismo de controle uma espécie de “atracamento”: “a gente percebe de forma generalizada, devido esse silenciamento, em territórios que tem pouco estímulo à cultura. [...] Então, se as mulheres não têm acesso às oficinas de escrita criativa, de dança, de teatro, então como elas vão desenvolver suas habilidades?” (Lacerda, 2023). Porém, ao mesmo tempo que

a autora questiona esse sistema patriarcal que silencia as mulheres do sertão, ela não o reproduz, haja vista que diz da coragem dessas mulheres, de juntas, em uma decolonialidade comunitária, negar esse script pré-estabelecido “Então, o que a gente queria era quebrar isso, através da coragem, para que as mulheres levantassem a voz, justamente por saber que era uma região que tinham pouco conhecimento” (Lacerda, 28/09/2023).

Percebemos que isso acontece porque tanto as autoras quanto suas personagens – no livro – partem de uma tomada de consciência sobre as violências que a perpassam, não são mais mulheres sertanejas viventes de um sertão ultrapatriarcal, até porque não há essa ideia do patriarcalismo ser mais instaurado no sertão, mas há tipos de patriarcalismos para determinadas áreas do país, constituídos por determinadas hierarquias de relações sociais conforme o espaço geográfico no qual se instaura, submissas e sem acesso às maneiras de resistência, são, agora, mulheres que identificaram sua identidade, assumiram suas narrativas, são

Mulheres que se veem conseguindo refletir sobre[...] O livro inteiro é sobre ter consciência desses processos, é sobre conseguir falar sobre dores e pessoas, observando de uma forma crítica, não se identificando com o problema, porque elas não se identificam. É uma reflexão crítica sobre tal coisas (Lua Lacerda, grifo meu).

Como ratifica Moreira (2016), o primeiro movimento é o de lançar o olhar sobre elas mesmas, se redescobrimo capazes de modificar uma imagem de si há tanto introjetada. Uma autoavaliação de seus corpos, da posição deles na sociedade sertaneja, utilizando ferramentas sociais – como a literatura – para que, mediante uma escrita corporal, afetiva e de r(existência), a mulher, a escritora, a sertaneja e que escreve se construa e reconstrua o seu próprio imaginário.

[...] eu tenho um certo cuidado em não reforçar estigmas de “Ah, no sertão o patriarcado é pior que na capital”, porque na realidade são formas de patriarcados diferentes, apenas. **Por exemplo, no sertão os feminicídios são mais íntimos, cometidos por esposos, companheiros, familiares.** Na capital, os feminicídios são sem critério algum na maioria dos casos, associados a violência urbana, que aqui no sertão já não há tanto. Então, eu não acho que no sertão o patriarcado é mais, no entanto, eu acho que em qualquer sociedade patriarcal, lá no sertão, as mulheres, esbarram muito na coragem para lidar com essa ideologia. São artistas que deixam seus textos engavetados, não publicam, porque falta coragem, porque elas têm vergonha, porque não querem ser faladas, tem vergonha de falar em público. Assim, esse atravancamento, a gente percebe de forma generalizada, devido esse silenciamento, em territórios que tem pouco estímulo à cultura. [...] (Lua Lacerda, grifo meu)

Nesse momento, a organizadora toca em um ponto crucial, a própria construção do patriarcalismo no sertão, logo, pensar esse espaço com um teor de forte existência do patriarcado é colocada em um lugar mais marginalizado ainda, porque a opressão sistêmica masculina existe em todos os lugares, inclusive – e não ainda mais ou sobretudo, no sertão. O que diferencia são as formas nas quais esse patriarcalismo se manifesta, como a Lua bem comenta. Então, esse caráter é ostensivo perante a figura da mulher, que é atravessada por ser uma sujeita representativa da moral

e dos valores castos, visto que uma das diversas representações construídas historicamente acerca do sertão está uma rígida oposição dos papéis de gênero que, insistentemente, configuram a força e virilidade ao masculino, em detrimento de um feminino subalterno e locado em uma lógica marginal.

Sendo assim, a obrigação de casar-se, ter um lar, filhos, vestir de forma adequada, relacionar-se na presença dos mais velhos e em ambientes públicos, deter-se quase que inteiramente e fixamente a vida doméstica e rural, não se deslocar enquanto sujeito para posições mais altas, não ter acesso à lazer, à cultura, à educação, ao trabalho, o medo do “defloramento” ou “desvirginamento” – a honra instituída como o que há de “mais precioso para uma moça sertaneja” – todos esses aspectos cerceiam o “corpo disciplinado” dessas mulheres, pois sofrem “os procedimentos mais rigorosos e evidentes, incluindo punições e prêmios. [...] O resultado visado é só uma submissão às regras em todos os níveis”. Mulheres alvos do adestramento feito não somente pelo lugar-sertão, mas quem o “comanda”, o masculino. (Xavier, 2021)

A aspereza perante a figura da mulher, embora a subalternize, também a torna, hoje, um ser forte, ativa e intelectual representativa da verdadeira força do sertão nordestino. Logo, não podemos encarar esse lugar como opressor de searas femininas, mas como um ponto de partida de uma resistência e protagonismo conquistados por essas sujeitas. Então, buscando desligar essa mulher somente da figura da “mulher macho sim sinhô” que, embora diga muito da força recorrente dessas mulheres, se subverteu a encará-la como ser “bruto”, com reiterações e readaptações da figura masculina, colocando de forma subentendida uma reprodução dessa “colonialidade do poder”, termo cunhado por Lugones (2020). Assim, é urgente enxergar que tais teorias como o feminismo decolonial são viradas de chave no cotidiano dessas mulheres que, através desses movimentos, (re)conhecem-se como sujeitas que podem literalmente alcançar lugares que devem ser legitimamente seus. Já dito por Ana Maria Veiga (2023),

Olhar para os sertões, e para as mulheres sertanejas, [...] implica em acionar outras ferramentas conceituais interdisciplinares das quais dificilmente poderíamos escapar nos dias atuais. A percepção de uma “colonialidade do poder” [...] deixa claro que estamos lidando com uma situação de periferia, ao trabalharmos com (não) sujeitos históricos e suas experiências interceptadas por outros fatores de exclusão, como raça, etnia, situação econômica e localização, agregados sob o conceito de interseccionalidade (Veiga, 2023, p.197).

Por fim, através do contato com a organizadora conhecendo um pouco mais do processo de criação da obra, sintetizamos a construção do livro e a própria obra como uma maneira de assumir consciência dos seus lugares, mostrar a afetividade, complexidade e memória dessas sujeitas que são distintas. Desse modo, partiremos agora para uma categorização dos principais temas trazidos nas narrativas dessas mulheres, mediante uma análise dos textos literários presentes no livro *Ritos e*

Versos para o Fim do Mundo, refletindo sobre essas multinarrativas e suas perspectivas decoloniais.

2.2 *Ritos e Versos para adiar o Fim do Mundo: do que fala a literatura de mulheres do sertão da Paraíba?*

Logo no prefácio da antologia, escrito por Maria Valéria Rezende, grande nome da literatura paraibana, ela tece comentários sobre o lirismo e a beleza da obra, determinando que a antologia não é uma evasão, são mulheres que falam de si mesmas, que recusam o estigma da seca, o homem como um destino único e a literatura como lugar somente das capitais. Os diversos gêneros, segundo Valéria Rezende (2022), dizem sobre a complexa experiência que é existir no sertão, lugar politicamente e ideologicamente pensado para ser esvaziado. Além disso, a autora afirma que a antologia preenche esse lugar através dessas vozes, “a subjetividade dessas mulheres é a subjetividade do sertão. O que elas têm dito há tanto tempo está materializado nesse livro” (Rezende, 2022), nesse caso quem conta e conserva a essência do ser sertaneja é, quase sempre, a voz das mulheres, são elas que sustentam a esperança de novas vidas.

Conforme essa necessidade de ouvirmos outras vozes que descrevem o sertão, é necessário ouvirmos aquela que, sim, conhece as suas minúcias, aquilo que muitos não conseguem enxergar, essas são vozes de mulheres. É interessante salientar que o livro não traz textos literários à moda regionalista pitoresca, são textos que imbricam o sertão de forma lírica e sutil em suas entranhas. Diante disso, uma nova roupagem de escrever sobre esse lug(ar).

Com base nessas premissas, apresentaremos os principais temas tratados das obras literárias no livro “*Ritos e Versos para o Fim do Mundo*”, escrito por seu Mulherio das Letras do Sertão, ou do fim do mundo. Em primeiro plano, para uma visão geral, organizamos as temáticas, título e autoras em uma tabela, para melhor disposição e visão dos temas escritos. Após isso, discutiremos de forma relacional alguns textos, questionando e enxergando essas relações com as vertentes do feminismo decolonial e as discussões sobre mulher e sertanidades

Quadro 1: Temáticas trazidas pelas escritoras sertanejas em *Ritos e Versos para Adiar o Fim do Mundo*

Gênero Literário	Título	Autora	Temáticas refletidas dentro dos textos
Poesias	Poesia Crônica	Thayse Rocha - Patos-PB	Ancestralidade da mulher sertaneja; Consciência crítica da repressão;

			Protagonismo feminino; Cenas do cotidiano.
	Dicionário	Nabila Ferreira - Sousa-PB	A estética das palavras; O ato da escrita e leitura; Mulheres escritoras;
	Antes Mulher Ser	Clariça Ribeiro - Sousa-PB	Protagonismo feminino; Quebra do estereótipo feminino no sertão; Liberdade feminina; Violência simbólica.
	Por eu ser grande	Isadora Lira - Cajazeiras-PB	Protagonismo feminino; Metáfora e polissemia da palavra “grande”; Conflitos internos; Consciência crítica; Resistência.
	PALAVRA - A arte que revela ou enovela	Maria de Fátima Furtado Nogueira - Cajazeiras-PB	A Arte da palavra; O ato de escrever poesia; Escrita como algo revolucionário.
	O grito da criança	Jenicélia Duarte da Silva - Uiraúna-PB	Infância; Memória; Violência sexual; Questões de Gênero; Resquícios de uma Representatividade LGBTQIAPN+
	Lembranças sem cor (poema construído em duas partes)	Porcina Furtado - Sousa-PB/ Luciana de Sousa França - Catolé do Rocha-PB	Repressão simbólica à mulher sertaneja; Elementos característicos do espaço Sertão; Memória; Saudade; Família; Afetividade
	Causa Morte	Neidinha Alves - Cajazeiras-PB	Subjetividade; Conflitos internos femininos; Denúncia social; Teor escatológico e científico.
	Liberdade no Tempo	Joely Queiroz - Aparecida-PB	Liberdade e Protagonismo feminino; Resistência.
	Malha de Retalhos	Gabriela Almeida Pinheiro - Paulista-PB	Ambivalência da figura feminina (oprimida/protagonista); Conflitos internos revelam uma fragmentação do eu-lírico; Resistência.
	Coisas do meu sertão (Cordel)	Aparecida de Sousa Cardoso - São João do Rio do Peixe-PB	Regionalismo; Dicionário Nordestinês; Dialectos sertanejos; Cultura nordestina/sertaneja como forma de resistência.
Crônicas	Socorro, Poe	Niely Trajano - Cajazeiras-PB	Crenças populares; Cultura Nordestina; Oralidade; Cotidiano sertanejo.
	Carta à Virgínia Woolf	Aparecida Elias - Sousa-PB	O ato da escrita; O ato de ser escritora sertaneja; Feminismo; Denúncia Social; Mulheres sertanejas que ocupam lugares de poder.

	Sintomas de Solidão	Perla Alves - Patos-PB	Solidão feminina; Subjetividade feminina; Conflitos humanos;
	O caminho é de pedra	Romye Schneider Bezerra de Madeiras Dantas - Pombal-PB	O espaço sertão; Memória; Afetividade; Retorno à infância/adolescência; Empoderamento feminino; Referência aos contos de fadas; Resistência.
	My eyes are wide open (tradução: <i>Meus olhos bem abertos</i>)	Bianca Dantas - Patos-PB	Cultura musical; Relações Amorosas; Psicologismo; Conflitos humanos.
	Receita para fazer palavras aliadas	Maria Luiza Pereira - Conceição-PB	O ato da escrita como ato de resistência, como ser, estar e existir no mundo; Consciência crítica da repressão de mulheres no sertão; Denúncia social.
	Fase de crescimento	Débora Braga de Lima - Sousa-PB	Desigualdade social; Adolescência feminina; Protagonismo e Empoderamento feminino...
Contos	Alma Penada	Marta Eleonora Targino Pessoa - São Bento-PB	Estereótipo feminino da mulher ligado à figura masculina; Casamento arranjado; Violência contra mulher; Subversão feminina e emancipação.
	Embaixo da minha cama	Ludjana Furtado - Sousa-PB	Abuso sexual infantil; Infância.
	Travessia	Nádia Farias dos Santos - Patos-PB	Alusão à escravidão negra e feminina no Brasil; Navios negreiros.

Fonte: Autoral

Tanto nas poesias, crônicas e contos, nota-se uma ancestralidade de mulheres no sertão, além da perda e da recuperação do seu eu. Há uma consciência crítica de uma repressão, porém essa não é seguida, é contradita por um discurso resistente dos eu-líricos presentes nas poesias, refletido, por exemplo, no poema de Gabriela Almeida, *Malha de Retalhos*: “Sou tudo isso/ e ao mesmo/ Nada. / E sendo nada./ Nada disto./ Cala.” (Lacerda (org.) *et al.*, 2022, p. 36), ou no poema *Liberdade no Tempo*, de Joely Queiroz, quando ela cita: “Não me privo de viver sorrisos e lágrimas/Não me prendo a todas as regras e formas/ Ocupo-me em viver/ Nem meus versos são fixos/ Imagina eu?” (Lacerda (org.) *et al.*, 2022, p. 34). É nessa linha de pensamento que elas se tornam sujeitas da decolonialidade.

As formas pelas quais o controle da autoridade é organizado, o controle do gênero, raça, classe e sexualidade, bem como a estruturação da subjetividade e do conhecimento. Acima

de tudo, o feminismo latino-americano contribui para continuar pensando na relevância geopolítica e corpo-política do conhecimento e da luta. Prestar atenção ao fato de que nossos corpos estão geopoliticamente e sexualmente localizados (Wigdor Bard *et al.*, 2022, p. 281).

São mulheres que se notam, são móveis, possuem memória do seu passado, reconhecem suas vulnerabilidades advindas desse contexto sertanejo, porém, não se vitimizam perante o peso do seu cotidiano, muitas vezes simbolizado, fazem o contrário, aderem ao seu “corpo-política” e, a partir do seu conhecimento sobre sua posição social, aceder uma postura de resistência. Assim, apresenta-se uma ancestralidade não só de afeto, mas de luta.

Já entrando no outro tema presente na maioria dos textos, o protagonismo, que se alicerça através de mulheres que rompem com sua posição perante o imaginário arcaico e patriarcal do sertão. A liberdade da mulher apresenta-se como negada, a priori, porém, ao final das narrativas, elas/ – seus eu-líricos – se reafirmam, se reconhecem, se veem, sem espetacularização e romantizações, como no poema *Por eu ser grande*, de Isadora Lira: “Ainda assim sou grande/ e existem os dias em que sou imensa. Não me refiro ao tamanho físico/ apenas.” (Lacerda (org.) *et al.*, 2022, p. 22). Logo, isto que elas gozam e desejam como um ato de coragem, expressado na crônica *My eyes are wide open* (Meus olhos bem abertos), de Bianca Dantas, utilizando do lirismo, da metáfora, da polissemia e do jogo de palavras para reverberar suas vozes.

Além disso, essas escritoras utilizam da literatura como uma das ferramentas de luta contra a manutenção desse lugar feminino no sertão. Por meio dos seus escritos, elas praticam o que Soihet (2006) chama de feminismo tático, ou melhor, a maneira como mulheres foram inventando modos de enfrentamento aos dispositivos de vigilância de seus corpos e aos processos de inferiorização das suas existências, maneiras criativas e sutis de rebeldia contra as diversas violências que sofreram historicamente, construindo linhas de fuga potentes e paradoxais.

Sendo assim, o protagonismo e empoderamento feminino são ferramentas para evocar outros temas, como: a denúncia social, a desigualdade da luta pelos direitos, o reconhecimento de sua própria individualidade, sendo, principalmente, esta não atrelada à figura masculina, como na crônica de Romye Schneider, *O caminho é de Pedra*, em que a sobrinha desvincula a necessidade da tia de ir atrás de um príncipe encantado: “Se ela quiser, sim, mas, ninguém é obrigado a correr atrás de príncipe que ficam pra cima e pra baixo, em cima de um cavalo” (Lacerda (org.) *et al.*, 2022, p. 59). Logo, rompendo com o *script* feminino destinado à mulher no sertão. Diante disso, quando mulheres sertanejas estudam, têm acesso à universidade, escrevem, ficcionalizam, suas personagens e outras mulheres transgridem com ela.

Vivendo em um espaço marcado por fortes hierarquias de gênero, as mulheres sertanejas teceram suas trajetórias no diálogo entre a norma e a transgressão, subvertendo regras e

fazendo escolhas que iam na contramão do que era aceitável para as mulheres de seu tempo e espaço (Vasconcelos, 2019, p. 207).

A liberdade feminina é expressada por sujeitas que desejam, que vivem intensamente, porque já foram privadas. São mulheres que se reconfortam nos novos tempos trazidos por um novo discurso sobre mulheres na sociedade, há, sobretudo, uma segurança no coletivo. A literatura sertaneja transgride quando se pauta na solidariedade de outras mulheres escritoras sertanejas que, só ficcionalizam e denunciam suas supostas realidades porque há o apoio de outras por trás (ao lado) delas:

Penso a transgressão, o rompimento com a condição de subalternidade, citada pela autora, como potência para a construção de conhecimento, conhecimento este que se propõe a romper com a lógica das dualidades e da hierarquização dos saberes. Nesse sentido, estudar mulheres sertanejas significa produzir novos conhecimentos, mas também reconhecer sua produção de pensamento a partir de outras epistemologias (Vasconcelos, 2019, p. 208).

É através de um feminismo comunitário que não se limita a atitude de mulheres a uma análise meramente epistemológica do seu texto, de suas personagens, porém, balança as arquiteturas de um feminismo pautado somente na teoria, traz a decolonialidade para prática, como afirma Curiel (2020), democratiza os caminhos para romper com o sistema moderno colonial, com a dominação, propor novas formas de vida para sua comunidade e povo, propõe o femininos empírico que ficcionaliza, por meio da literatura, o próprio saber da experiência da mulher sertaneja.

Outra forma de subverter a lógica eurocêntrica dentro de *Ritos e Versos para Adiar o Fim do Mundo* é através da arte da palavra, o ato de escrever poesia e prosa como forma de coragem e resistência no cotidiano de mulheres sertanejas, vistos em vários poemas como o de Maria de Fátima, *PALAVRA – A arte que revela ou enovela*, quando ela afirma: “A palavra fertiliza o pensamento/ compõe,/dispõe/ e o contrapõe [...]/ denuncia/ faz sorrir,/ eclode ou explode/ e imerge num sonho devasso/ sem compasso/ pelo espaço do ‘eu mesmo faço’” (Lacerda (org.), *et al.*, 2022, p. 23), na crônica Carta à Virginia Woolf, de Perla Alves, quando ela diz: “se cultivarmos o hábito da liberdade e a coragem de escrever exatamente o que pensamos [...]” (Lacerda (org.) *et al.*, 2022, p. 55), entre outros textos.

Essa temática geral incentiva outras complementares como: a beleza da linguagem, o ato da escrita e de ser escritora sertaneja, a escrita como ato revolucionário para essas sujeitas ocuparem lugares de poder – por exemplo: as universidades. Portanto, a escrita e o conhecimento adquirido por elas, as inclui essas autoras na dinâmica ativa da sociedade.

A ética feminista não é apenas uma declamação das injustiças e das particularidades de seu próprio setor, mas está em constante mudança e em **processos de inclusão de diferentes realidades e corporeidades**. É uma práxis que enfrenta a totalidade opressiva, é uma proposta que reconhece a **necessidade de liberar os saberes, de ampliar os direitos de**

acesso à palavra e à produção de ideias, a fim de transformar as diversas situações de opressão (Wigdor Bard *et al.*, 2022, p. 282 grifo meu).

Ao ficcionalizar o ato de ser escritora, ao identificar o ambiente hostil no qual vivem e para burlá-lo, ao escrever e falar sobre o ato, a metalinguagem transforma-se na consciência de que ela existe e pode revolucionar por meio de um ato tão sutil e forte, retomando a ideia do feminismo tático de Soihet (2006), aquele que demarca a consciência crítica da repressão de mulheres no sertão. Escrever, para elas, é como ser e estar no mundo, a força da palavra em suas vidas como “dado que denuncia a imposição cultural da miscigenação, a discriminação econômica, a exclusão social educacional [...]” (Wigdor *et al.*, 2022, p. 270-271).

A arte, a palavra e a própria linguagem nordestina presentes, principalmente, no cordel *Coisas do meu sertão*, de Aparecida de Sousado, no qual é exposta essa denúncia à imposição cultural, à discriminação econômica e à exclusão social, visto que o sistema moderno colonial revoga até mesmo o próprio falar típico de um povo, como os sertanejos:

Rir do outro é caçoar
Também pode ser mangar
Se revelar um segredo
Também é desembuchar
Molhado é ensopado
Oh sertão velho danado
De tão rico linguajar

Há muito o que se falar
Das coisas do meu sertão
Mas por aqui vou parar
E em outra ocasião
Voltarei a escrever
Tem muito o que aprender
A linguagem do sertão.

É um orgulho pra mim
Ter nascido neste chão
Com todos esses costumes
Com tanta variação
Nossa linguagem é rica
E a mensagem que aqui fica:
Tenha orgulho do sertão! (Lacerda (org.) *et al.*, 2022, p. 45-46)

Logo, ao evidenciar a multilinguagem do sertão paraibano, as autoras evocam um pertencimento comunitário àquele lugar, gritando o orgulho de ser do Nordeste, de falar “nordestinês” e ser sertaneja.

Nesse caso, pegando o gancho da linguagem e culturalidade do sertão, outros temas importantes elencados na obra são o regionalismo, os dialetos nordestinos e sertanejos, a própria cultura sertaneja balizada na oralidade e no aparecimento das crenças populares e cotidiano do sujeito desse espaço, como na crônica *Socorro, Poe*, de Nyelli Trajano, na qual há a ficcionalização

da crença popular da botija². Entretanto, esses temas são trazidos para expor as novas roupagens de uma escrita no sertão, desvinculada das imagens caricatas e estereotipadas é afirmar o próprio Sertão – no seu sentido simbólico, político e discursivo – dito pelas palavras de Albuquerque Junior (2014), como contemporâneo.

Dizer, pois, que os sertões são contemporâneos não é um mero gesto de descrição ou constatação, é, em si mesmo, um gesto de contestação, de problematização, de questionamento dos modos de definir, descrever, dizer e fazer ver o sertão. É, portanto, um gesto político da maior importância. É romper com as imagens e enunciados estereotipados, rotineiros, naturalizados, repetitivos, clichês sobre o sertão, a começar por enunciar a sua pluralidade interna (Albuquerque Junior, 2014, p. 45).

Enunciar as particularidades do sertão é não favorecer a manutenção de relações de trabalho, produção, poder e relações sociais, é colocar o verdadeiro sertão e a verdadeira mulher em cena. É resistir sobre a obsolescência e o arcaísmo infundados que permeiam o espaço daquelas mulheres, é através dessas narrativas que as mulheres não deixam os sertões no escuro, dizimando as artimanhas políticas e discursivas que insistem em dar essa posição aos sujeitos que vivem nesse ambiente. Então, trazer elementos sertanejos nas narrativas é torná-lo visto, é trazê-lo para o presente, é fazê-lo ser compreensivo e identificável, é compreender a decolonialidade cotidiana dos seus indivíduos, sobretudo, mulheres.

Trazer o sertão para perto de nós, colocá-lo ao nosso lado, torna-lo visível, impor a sua presença à nossa frente, retirá-lo de seu pretensol isolamento espaço temporal, superar o seu anacronismo, torná-lo não apenas diacrônico, colocando-o no tempo, mas também sincrônico com o que se define como sendo nossa condição temporal contemporânea é um verdadeiro projeto político, implica na reivindicação de mudanças não apenas na maneira de ser visto, dito e pensado os sertões, como implica reivindicar a sua presença como realidade e problemas a serem enfrentados (Albuquerque Junior, 2014, p.54).

A ficção sertaneja feminina e paraibana irrompe com as colonialidades do saber, poder, ser, e de gênero. Isso porque levamos em consideração que o sertão não é um só, ele é vários, e cada escritora disserta suas perspectivas de acordo com seus lugares de fala. É nessas premissas que encontramos uma literatura, em *Ritos e Versos para o Fim do Mundo*, diversa, que representa os multi-olhares que questionam uma historiografia oficial e mostram como se configuraram as hierarquias sociais presentes nesse imaginário.

É, em suma, uma literatura que vê os outros ângulos, que faz o Outro ser o Eu ao, por exemplo, tratar de questões de gênero, como a representatividade LGBTQIAPN+, visto no poema *O grito da criança*, de Jenicélia Duarte: “Sozinha, insegura. O medo. Meu corpo devassado. Por que meu gênero sexual é uma ameaça?” (Lacerda (org.), 2022, p. 26), alusão à história da

² Segundo diziam, na época da Guerra do Paraguai, as pessoas guardavam seus tesouros em ouro, enterradas sob coposas árvores, para protegê-los. E, com a morte de seus proprietários, tais botijas, um pote de barro, cheio de ouro, lá ficavam para sempre, até que alguém o encontrasse

colonização negra feminina no Brasil, afirmando, claramente um olhar decolonial, pois convoca à interseccionalidade das representações do feminino no sertão.

Uma posição decolonial feminista significa entender que tanto a raça quanto o gênero, a classe, a heterossexualidade etc. são constitutivos da episteme moderna colonial; elas não são simples eixos de diferenças, são diferenciações produzidas pelas opressões, de maneira imbricada, que produzem o sistema colonial moderno (Curiel, 2020, p.133).

Além de expor e ir de encontro à colonialidade do gênero, cunhada por Lugones (2020), tal literatura representa e ficcionaliza a não compreensão da sexualidade devido à escassez de informações e suporte naquele espaço. Dessa forma, ao discutir sobre questões de gênero e raça no sertão paraibano se propõe que o feminino plural, existente nesse âmbito, se coloque em cena, isto é, mulheres indígenas, afrodescendentes, populares, lésbicas que questionam, mediante sua literatura, as formas como um feminismo hegemônico e branco, com privilégios de classe, entendem a subordinação de mulheres, como também o próprio androcentrismo.

Seguindo essa linha de raciocínio, outros temas polêmicos com teores da colonialidade são a violência contra mulher – sobretudo doméstica – como, por exemplo, no conto *Alma Penada*, de Marta Eleonora, no qual Isaura, casada com Janjão devido a um casamento forçado, é violentada pelo marido e, ao final da narrativa, ela resolve se livrar do marido:

Isaura tinha resistido o tempo todo, mas agora não havia jeito, precisava dar uma mãozinha ao Diabo que, de- certo, tinha esquecido de levar o traste do marido. Botou o xale nos ombros, calçou as alpargatas de pisar em cobra, enfiou a peixeira no cós da saia e se danou pelo terreiro, atrás da única pessoa capaz de tirar o Demônio da indecisão. Janjão era tão ruim que até Satanás relutava em recebê-lo (Lacerda (org.) et al., 2022, p.77).

Relacionando com a entrevista de Lua Lacerda, no qual ela diz que o patriarcalismo no sertão se vincula a questões internas, vinculando a mulher ao marido, filhos e pais, a violência sexual de crianças, como, por exemplo, no verso da poesia *O grito da criança*, de Jenicélia Duarte: “Era uma criança. Indefesa e inocente. Será que vou conseguir pedir ajuda? Será que vou conseguir superar? Era uma criança. Quanta inocência. E você, sujo” (Lacerda (org.), 2022, p.26), inserindo essa infância em uma linha ambivalente entre a genuinidade e o medo e o casamento arranjado entre outros. Todavia, encaramos a abordagem desses temas não como configuração da reprodução desses arquétipos femininos no interior paraibano, mas como maneira de subversão e emancipação, rompendo com formas de sujeição presentes no contexto vivido, produzindo novos modos de “ser no mundo” e construindo possibilidades de “invenção de si”, é o que Foucault (1984), em *História da Sexualidade* chama de “subjetivação”, uma proposta decolonial de se inventar cotidianamente.

Isso porque as mulheres que escrevem sobre o teor patriarcal que as rondam, na sua literatura, através de suas personagens, denunciam o cotidiano de muitas, anteriores a ela, que não

possuem direito de falar sobre tais violências físicas e simbólicas, expor agressões e opressões às mulheres no sertão. Essas mulheres utilizam de táticas de negociação, incorporando muitas vezes um discurso normativo, mas ao mesmo tempo atuando de forma rebelde. Se apropriaram de construções sobre elas para inverter a lógica da dominação, exercendo o que Rago (2013) chamou de “invenções de subjetividades”.

Nota-se, desse modo, que os temas trazidos no livro evidenciam não só problemáticas sociais, nos quais a denúncia social e o empoderamento feminino se disseminam, mas, há também, as questões da própria subjetividade feminina, dos conflitos internos, isso porque “as mulheres, buscam reconstruir seus parâmetros sobre as relações de gênero, sem apelar às tradições ou com o sertão do passado” (Moreira, 2019, p. 365).

Por fim, saindo do olhar do social que impacta o individual, como últimas temáticas abordadas pelas autoras, há a memória – sendo ela afetiva ou traumática – que retorna a infância e a adolescência como forma de relembrar a afetividade e/ou o trauma imbricados aos costumes, as crenças, a geografia, as relações familiares, amorosas e com a própria natureza do lugar, como na crônica *O caminho é de Pedra*, de Romye Schneider, a qual a protagonista decide retornar ao sertão para a casa dos seus familiares e recorda, através daquele lugar, a calma e brincadeiras infantis:

Juntou os cacos da alma e foi recompor-se no interior do sertão, o seu refúgio. Era como se tivesse fugindo da maldade em direção a pureza que necessária, naquele momento. Foi rodeada por uma rede de afeto, cuidado, amor e saudade de quando morava lá, um tempo que só foi bom. Tanta proteção e cuidado com as emoções, fizeram com que ela voltasse a querer (Lacerda (org.) *et al.*, 2022, p. 58).

Há, antes de tudo, uma resignificação das subjetividades femininas no sertão por meio da afetividade trazida nos textos literários, isso porque essas narrativas tecem ou remendam as identidades fragmentadas apresentadas e alimentam os corpos e os sonhos dessas mulheres, pois “se existe um sertão de afetos, encantos e fartura, esse sertão é feminino.” (Moreira, 2019, p. 359).

A memória perpassada nas personagens diz da construção de uma ancestralidade, categoria essa que perpassa dialeticamente dentro das lutas e resistências do próprio Sul-americanista, visto que a ancestralidade sertaneja também diz de uma ancestralidade latina-indígena-negra-popular, principalmente, da afetividade e luta como elementos imbricados nas construções literárias. Tal categoria pode ser vista em diversos textos da coletânea, como em *O caminho é de Pedra*, de Romye Schneider, no qual a protagonista retorna ao sertão para vivenciar sua infância, ou em *Socorro, Poe*, de Niely Trajano, que evidencia as crenças da oralidade popular no sertão. Diante disso, ao retornar às suas memórias, elas retornam a um passado que não mais existe, graças aos avanços sociais e discursivos que tentam dar uma nova roupagem ao sertão, como também, evocam

a afetividade das lembranças familiares e de lugares íntimos para rememorar quem elas são enquanto sujeitas pensantes e que seu discurso emerge de outros e outras que vieram antes delas.

CONCLUSÃO

Esse estudo buscou, por meio da obra literária “Ritos e Versos para o Fim do Mundo” (2022), publicado pela editora Arribaça, localizada no interior da Paraíba, em Cajazeiras, identificar quais as temáticas escritas por mulheres sertanejas na Paraíba, suas resistências, subjetividades e conflitos, a partir da decolonialidade e dos estudos sobre sertanidades. Ademais, discutiu sobre o que se compreende por de feminismo decolonial enveredando sua relação com as mulheres sertanejas, e as discussões sobre o sertão. Por fim, estabeleceu relações teóricas com as principais temáticas que são escritas por essas autoras do sertão da Paraíba, discutindo questões sobre a representação das mulheres no sertão e o feminismo decolonial.

No primeiro capítulo, buscou realizar apontamentos sobre as diversas abordagens do feminismo decolonial, mostrando suas relações com a luta de mulheres no sertão através dos conceitos como lugar de falar, colonialidade do poder, saber, ser e gênero, interseccionalidade, amefricanidade entre outros. Além disso, perpassou sobre o feminismo decolonial enquanto elemento chave para compreensão das violências simbólicas de gênero, sobretudo quando se é mulher no sertão, assim como, adentrou-se no caráter identitário, afetivo e social-prático do movimento, evidenciando sua ligação com o coletivo, com a circularidade das lutas, não suas hierarquias.

No segundo capítulo procurou-se dialogar sobre o surgimento da editora Arribaça, abordando seus aspectos, localização e criadores. Também se salientou algumas considerações analisadas perante a entrevista fornecida por uma das organizadoras do livro, Lua Lacerda. Nessa entrevista, refletimos sobre o processo de criação do livro, a relação com a editora, a diversidade de autoras, a coletânea como sendo um registro histórico-literário da presença de uma literatura no sertão do estado, além da ausência de fomento para incentivo à cultura nas áreas sertanejas, principalmente, para que mulheres consigam retirar seus textos da gaveta. Por fim, no mesmo capítulo, organizou-se um quadro disposta com os nomes das autoras, textos literários e principais temáticas apresentadas, de modo à melhor visualização do corpus, a posteriori, foi realizada uma análise das principais temáticas presentes à luz do feminismo decolonial e das discussões sobre sertão e mulher sertaneja.

Mediante a finalização da pesquisa, alguns resultados apresentados foram a diversidades de gêneros e temáticas presentes na literatura dessas mulheres, o grau de complexidade, interpretação e significância das narrativas, não há uma categoria homogênea para mulher sertaneja, haja vista que elas são perpassadas por questões interseccionais, o descaso e sucateamento das autoridades públicas mediante o incentivo fiscal à cultura no sertão, logo, reiterando esse lugar como atraso e

apagamento, ao invés de transformá-lo no âmbito da culturalidade paraibana, devido simbologia dos seus sujeitos e do seu próprio espaço. Outros resultados obtidos correspondem à atribuição de uma nova roupagem ao que se conhece por “mulher macho sim senhor”, ela agora é “mulher, sim senhor”, presente e protagonista, sem associação a força masculina, mas a sua própria força, sua resistência por atuar frente a sua posição duplamente marginalizada - ser sertaneja e mulher, além disso, por denunciar e libertar-se, por meio do conhecimento e da arte, das formas de subjugação, utilizando a literatura como maneira de ser e estar no mundo.

Percebemos também que o “novo cangaço” é o cangaço da palavra. É ela que, na mão dessas mulheres e ficcionalizado pelas suas personagens destroçam o estereótipo que se tem de suas existências e do espaço sertão, descolonizando não somente suas corporeidades, mas sua terra, seu pertencimento. Há uma estética e elaboração nas narrativas dessas mulheres, porém, essas estéticas são diferentes mediante a perspectiva de cada escritora. Não há, por exemplo, a reafirmação do estereótipo do sertão, evidenciado por uma literatura não caricatural, mas sim lírica e afetiva. Outra apuração se relaciona à decolonialidade presente, sim, nessa literatura sertaneja de autoria feminina, haja vista que elas constroem um olhar sobre esse outro do sertão, não colocando ele como um ser menor ou estabelecendo hierarquias entre as diferentes lutas – sejam elas mulheres escritoras negras, lésbicas pardas etc.

Há um concretismo igualitário entre as diversas existências dentro desse espaço e da literatura, portanto, um grupo coeso, partindo da práxis popular e oral do sertão que tenta denunciar um patriarcalismo íntimo, ou seja, vinculado a relações próximas dessas mulheres. Em suma, há também uma espécie de circularidade na obra, os textos conversam entre si, isso diz da própria coesão dessas mulheres, não há uma diversidade de personagens literárias hierarquizadas, mas sim que se relacionam.

Nessa premissa, acreditamos que tal pesquisa pode fornecer materiais e discussões pertinentes para a disseminação e mais produções de trabalhos que optem por discutir mulheres sertanejas e literatura, principalmente, paraibana. Além de que, consideramos que o estudo pode servir como material teórico para aprofundamentos dessa corrente de estudos, visto que ainda não é tão difundido na academia, pois procura relacionar duas teorias como complementares, isto é, a carga decolonial e feminista de mulheres escritoras sertanejas no espaço sertão. Reconhecemos que o trabalho visa a valorização da cultura e literatura paraibana, fornece visibilidade para escritores e apoiadores – como editoras – a democratização editorial do feminino sertanejo nos espaços de publicização de conhecimento.

Para tanto, o trabalho contribui para esclarecer a própria visão errônea da figura feminina estereotipada e omissa que por vezes ainda perambula no imaginário sertanejo, para fornecer voz e

escuta às mulheres sertanejas que, hodiernamente, podem falar de suas dores, vivências, ocupar lugares de poder, e se desvincular da figura masculina, lutando pelos seus ideais e pela sua escrita como forma de existir no mundo. Portanto, tal pesquisa busca abrir caminhos para um novo campo e categoria de estudos, além de jorrar, feito água no sertão, a literatura sertaneja em todos os lugares de construção do conhecimento e da intelectualidade sejam eles eruditos ou populares.

REREFÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, M. D. Distant e/ou instante: “sertões contemporâneos”, as antinomias de um enunciado”. In: FREIRE, A. (org.). **Cultura dos Sertões**. Salvador: EDUFBA, 2014.

COSTA, L. C. **Feminismo, tradução cultural e a descolonização do saber**. Florianópolis: Rev. Fragmentos, n.39, p. 45-59, 2010.

COSTA, B. E. P.; MENDES, M. A. ECOS DECOLONIAIS E A IDENTIDADE DA MULHER NEGRA EM “A ESCRAVA” DE MARIA FIRMINA DOS REIS: In: **Revista Ártemis**, João Pessoa, v. XXXIV, n. 1, 2022, p. 124-137.

CURSO DE GRADUAÇÃO PRESENCIAL EM LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA. **Projeto Político-Pedagógico de Curso**. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

EDITORA ARRIBAÇÃ. **Arribaça Editora**, s. d. Disponível em: <<http://www.arribacaeditora.com.br>>. Acesso em: 04 set. 2023.

_____. **Selo Anayde Beiriz**, s. d. Disponível em: <<http://www.arribacaeditora.com.br/category/beiriz/>>. Acesso em: 04 set. 2023.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**, Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 38-51.

_____, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. São Paulo: Zahar, 2020.

LANDER, E. **La colonialidad del saber. Eurocentrismo y Ciencias Sociales. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires/Caracas: CLACSO/UNESCO, 2000.

LACERDA, Lua *et al.* (org.). **Ritos e Versos para o Fim do Mundo**. Cajazeiras: Arribaça, 2022.

LACERDA, L. **Entrevista com Lua Lacerda, uma das organizadoras e escritoras do livro “Ritos e Versos para o Fim do Mundo”**. [Entrevista concedida ao processo de pesquisa do seu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC intitulado “A escrita do fim do mundo: por uma literatura decolonial de mulheres sertanejas na Paraíba”]. Israela Rana. João Pessoa, 2023.

LIMA, Nísia Trindade. **Um Sertão Chamado Brasil: Intelectuais e Representação Geográfica da Identidade Nacional**. Rio de Janeiro: Revan/IUPERJ-UCAM, 1999.

LUGONES, M. Colonialidade e Gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 52-83.

LUGONES, M. Rumo ao um feminismo decolonial. In: **Rev. Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 22, 2014, p. 935-952.

MOREIRA, P. S. J. **Sob a Luz de Lampião: Maria Bonita e o movimento da subjetividade de mulheres sertanejas**. Salvador: EDUNEB, 2016.

MOREIRA, G. Mulher rendeira: re-tecendo afetos e identidades de gênero nos sertões contemporâneos. In: **Revista de História: SÆCULUM**, João Pessoa, v. 24, n. 41, 2019, p. 354-372.

OCHY, C. CONSTRUINDO METODOLOGIAS FEMINISTAS A PARTIR DO FEMINISMO DECOLONIAL. HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 121-138.

PAIXÃO, M. Conheça Margarida Alves, símbolo da luta das trabalhadoras do campo por direitos, 2019. In: **Brasil de Fato** [site]. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/08/12/conheca-margarida-alves-simbolo-da-luta-por-direitos-para-as-trabalhadoras-do-campo> . Acesso em: jun. 2023.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder, eurocetrismo e América Latina”. In: LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. CLACSO, Buenos Aires, Argentina. 2005.

RAGO, M. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

RIBEIRO, D. **Lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.

SANTOS, F. (2010). Cantadoras e repentistas do século XIX: a construção de um território feminino. In: **Periódicos de Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea**. Brasília, n. 35, p. 207-249, 2010.

SANTINI, J. “Um lugar fora de lugar”: a mulher e o sertão em Maria Valéria Rezende. **Rev: Estudos de literatura brasileira contemporânea**, Brasília, n. 55, 2018, p. 267-284.

SILVA, J. V. da. **Margaridas da resistência: movimentos de mulheres na Paraíba (1970 a 1980)**. 2016. 23f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2016.

SOIHET, R. **O feminismo tático de Bertha Lutz**. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2006.

TORRES, M. N. “Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto”, In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. **El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Iesco/Pensar/Siglo del Hombre Editores, 2007.

VASCONCELOS, P. N. V. Entre a norma e a rebeldia: rastros de feminismos no sertão baiano. In: **Revista de História: SÆCULUM**, João Pessoa, v. 24, n. 41, 2019, p. 204-216.

VASCONCELOS, P. M. T. Sertão das “muié séria”? Convenções de gênero e rebeldia feminina em processos judiciais em Jacobina (BA). In: **Revista de História: SÆCULUM**, João Pessoa, v. 24, n. 41, 2019, p. 318-334.

VEIGA, M. A.; VASCONCELOS, P. N. V. Lugares de escuta e de acolhimento nas pesquisas sobre sertanidades. In: **Rev Hist.SÆCULUM**, João Pessoa, v. 24, n. 41. João Pessoa, 2019, p. 196-203.

XAVIER, E. **Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

WIGDOR BARD, G.; ARTAZO G.; NASCIMENTO S. M. PENSAMENTO FEMINISTA LATINO-AMERICANO: REFLEXÕES SOBRE A COLONIALIDADE DO SABER/PODERE DA SEXUALIDADE. In: **Revista X**, Paraná, v. 17, n. 1, 2022, p. 265-286.

ZILBERMAN, R. A universidade brasileira e o ensino das literaturas de língua portuguesa. In: BORDINI, Maria da Glória; REMÉDIOS, Maria Luiza e ZILBERMAN, Regina. **Crítica do tempo presente**. Porto Alegre: IEL; Nova Prova, 2005.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Entrevista com Lua Lacerda, uma das organizadoras e escritoras do livro *Ritos e Versos para o Fim do Mundo*.

(28 de agosto de 2023)

Entrevistadora: De onde surgiu a ideia do livro *Ritos e Versos para o Fim do Mundo* e como foi esse processo de criação com a editora Arribaça junto às demais organizadoras do livro?

Lua Lacerda: “Então, o livro é fruto do nosso evento ‘Mulherio das Letras do Sertão da Paraíba’, a gente queria muito realizar esse sonho por causa das dificuldades que nós sabíamos que existiam... Todas somos mulheres artistas, todas sabemos das dificuldades de ser mulher artista, né, por causa dessa universalidade excludente, enfim... O trabalho das mulheres não é socialmente valorizado como o dos homens. Só que, quando a gente fazia o recorte do Sertão, era ainda mais difícil, porque em termos de políticas públicas de cultura aqui no Estado da Paraíba, existe um sucateamento em relação ao Sertão. Então... não tem verba, não tem editais, não tem sequer acesso à informação. Percebi que havia muito um movimento de sair do sertão para ir

trabalhar com arte na capital, porque lá muita gente teria mais oportunidades. Era mesmo uma questão de ter acesso à informação, porque lá no sertão havia pouquíssimos recursos. Então a gente precisava fazer um evento de literatura feminina sertaneja para organizar essas mulheres, tentar reunir, tentar provocar ... que elas lessem seus poemas, que elas falassem, que elas se apresentassem, mas não podia ser só isso, precisava ter um registro histórico fotográfico do que as mulheres estavam produzindo para ser quase uma memória de uma época e do que as mulheres sertanejas e escritoras dizem. O livro ele vem da nossa necessidade de registrar a resistência dessas mulheres e registrar também esse momento, dizer: é isso aqui que está sendo produzido! A literatura acompanha muito o imaginário social, então o que essas mulheres estão pensando, o que escrevem precisa ser datado, logo, o livro é essencial nesse sentido. Então a gente escreveu o 'Mulherio das Letras Sertão' que teve como fruto um edital, nesse edital nós abrimos vagas para as mulheres se inscreverem. Agora assim... O processo, ou seja, quando a gente decidiu que iríamos ter o livro foi um pouco mais complexo no sentido de integrar e organizar a ideia, o restante foi mais fluído. Nós começamos a pensar: o nome pro livro, que gêneros literários a gente vai abranger, por onde nós iríamos publicar, entre outras coisas. A decisão de ser pela Arribaça é justamente por ser uma editora independente do nosso território, então, a gente precisava fortalecer isso. Claro, é importante dizer que realmente a gente queria que fosse mesmo uma editora feminina liderada por mulheres no sertão, mas claro, não tinha, não tem, seria o ideal para fortalecer a ideia do evento, para que esse dinheiro fosse para uma editora feminina enfim... No entanto, isso não existe no nosso sertão da Paraíba, ainda, então, recorremos a uma editora sertaneja que também tem feito um movimento de publicar mulheres poetisas, cronistas, contistas, e pelo fato de termos conseguido manter um diálogo e uma aliança com a Arribaça, então fechamos esse movimento de parceria..

Depois foram esses processos burocráticos de lançar edital, de decidir o título, fazer reuniões, tivemos uma seleção individual, cada uma das organizadoras lia os textos, mas também fazíamos em conjunto, para trocar figurinhas sobre os textos, infelizmente, não entraram todos, mas entraram a maioria, poucas não foram contempladas e, se não foram, é somente por uma questão de espaço, de verba, embora fosse nosso desejo contemplar todas. Eu lembro que o título, por exemplo, vamos lá...A gente do sertão, escuta muito que nós somos, que moramos 'no fim do mundo'. 'Ah, onde é que você mora?', 'Moro em tal lugar', 'Ave, o fim do mundo'. Então, nós queríamos essa homenagem e essa outra significação dessa pronúncia, daí vem "Ritos e Versos para o fim do mundo". Foi mais ou menos esse processo. Foi assim que surgiu o livro, não só de uma necessidade de criar um evento para que mulheres fossem falar, mas que também existisse um registro histórico e fotográfico do que estão produzindo as escritoras do sertão da Paraíba."

Entrevistadora: Quando eu peguei o livro e li esse título, *Ritos e Versos para o Fim do Mundo* eu pensei justamente nisso. Eu também sou sertaneja, moro no alto sertão do estado, em Diamante, quando a gente mora nesse espaço, todo mundo entende que a gente mora no fim do mundo, no ‘cafundó’ do mundo. Quando eu vi esse título, pensei, é essa a sacada. Tanto que há uma pergunta na entrevista sobre o porquê de ser *Ritos e Versos para o Fim do Mundo*, que bom que você já me respondeu e eu esperava essa resposta (clima de risos).

Lua Lacerda: “*Sim, mas um adendo, não era só porque somos taxadas assim, mas era uma forma de reinventar, de você de apropriar e inverter. Como as mulheres fizeram, por exemplo, com a ‘Marcha das Vadias’, a gente pegou esse termo estereotipado... e, ‘então vamos lá, vamos nos apropriar e dar um outro significado’.*”

Entrevistadora: Aquela coisa, vamos ver o que é que há no fim do mundo? Vamos escrever sobre ele então. Interessante! E sobre o processo com a editora? Foi tranquilo essa troca? Eles permitiram que vocês tivessem liberdade para fazer como imaginavam, digo isso à título de projeto gráfico etc.? Porque a capa, as cores, os símbolos, as formas dos desenhos lembram uma espécie de xilogravura que não é xilogravura, como se você conseguisse perceber que quem está falando, tá falando porque é de lá mesmo.

Lua Lacerda: “*Sim, sim, também concordo. Olha, nosso diálogo com a editora foi bem tranquilo, porque além de termos uma relação de proximidade e de amizade com Linaldo, a gente chegou com uma ideia muita pronta e amarrada. Por exemplo, a arte e as cores a gente já tinha decidido com uma artista chamada Madáh³, de Poço de José de Moura, Paraíba, também do sertão do estado. Ela fez aquela arte em um processo bem paciente, ela fez, nos mandou, nós devolvemos, fizemos diversas trocas até sair o que está publicado. Quando chegamos, a gente já tinha certeza do que queríamos. Foi realmente um diálogo muito tranquilo, que a gente observa que deu super certo a parceria. A gente se sentiu abraçada pela Arribaça, mas porque eu acredito que haja um reconhecimento da importância do ‘Mulherio das Letras Sertão’, então, uma espécie de honra para editora abraçar esse projeto.*”

³ Instagram da artista: <https://instagram.com/so.madah?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

Entrevistadora: A segunda pergunta, você já me forneceu um bom resumo, porém, perguntarei de novo para que fique claro esse processo de curation das obras. Então, como foi essa rede de contato com as escritoras do livro?

Lua Lacerda: *“Claro, a gente escreveu o edital, publicamos, nós temos um perfil nas redes sociais, Instagram e Facebook, do ‘Mulherio das Letras Sertão’⁴, o que ajudou a divulgar e partilhar, nós sabemos que as redes sociais tem um alcance imenso, mas também como escritoras sertanejas, como artistas sertanejas, nós conhecemos nossas amigas, as pessoas que estão próximas, que escrevem, que deixam seus poemas engavetados, que escrevem contos e crônicas etc. Então, foi um movimento também de compartilhar o edital com nossas amigas, com nossas colegas, a gente sabia os rostos dessas mulheres, porque se destacavam timidamente, algumas se apresentavam em sarais, outras em universidades, sabíamos que muitas tinham um potencial literário. Além disso, tiveram algumas autoras de outras cidades que realmente a gente não conhecia e passamos a conhecer por causa do edital, mas muitas delas, realmente, sabíamos, porque ocupamos esse território há muito tempo por conhecermos essas mulheres. Logo, foi um movimento de divulgação nas redes e jornais, mas também, teve muito esse movimento do afeto, no qual a gente pôde mandar esse edital para nossas amigas que escreviam, tornando o processo mais legal e afetivo.”*

Entrevistadora: Você acha que essa obra literária representa um certo ativismo na literatura de autoria feminina do sertão do estado?

Lua Lacerda: *“Acho que isso é complexo, é sim uma forma de ativismo, mas creio que não são poemas intencionalmente ativistas, mas o lugar que essas mulheres contam, em suas sertanejidades, porque são mulheres negras, indígenas, gordas, lésbicas, são mulheres plurais, passa muito por essa questão da interseccionalidade, são mulheres diversas. Então, quando elas ocupam esses espaços, é inevitável que suas vozes estejam posicionadas e de que haja essa leitura de que são discursos também políticos, mas na verdade, só são de existências, de mulheres que existem e que escrevem e por isso tem esse tom. Não tem como alguns poemas ali não terem certos pontos de ativismo, mas as vezes nem é somente sobre a militância, mas sim sobre a vida daquelas mulheres como tal. Então, assim, eu acho que na verdade nem é tanto um texto ativista, mas um*

⁴ É um movimento político para discussão e divulgação da produção literária de mulheres no sertão paraibano. Instagram do projeto: https://www.instagram.com/mulheriodasletras_sertao/.

texto localizado, de mulheres plurais e, então, quando elas elencam temas recorrentes na escrita, sempre falando de várias coisas, elas passam pelas suas próprias experiências, mas não vejo como intencionalmente ativista, embora haja um tom sim.”

Entrevistadora: O livro, ele trata de muitos temas, memórias, a resistência, a própria linguagem nordestina, a violência doméstica. Então, o livro trata desses diversos assuntos, mostrando mulheres de personalidades fortes e afetivas, você acha que tais discussões permeiam o imaginário de mulheres no sertão? E como eles permeiam?

Lua Lacerda: *“Sim, é justamente o que eu estava falando. Você disse bem. Pode repetir a pergunta (risos)”*

Entrevistadora: Sim, então, no livro nós temos crônicas, poemas, contos, cordel. Por exemplo, há um cordel que fala sobre linguagem nordestina, outro conto que remete à memória etc. Queria saber se esses temas que as escritoras elencam em cada texto, fazem parte da realidade e subjetividade delas enquanto mulheres?

Lua Lacerda: *“Sim, eu creio que sim. Embora eu não possa falar por todas as autoras, e eu sei também que apesar dos textos terem essa carga de carregarem o peso de suas existências e de serem, claro, de certa forma, autobiográficos, também acho que há muita imaginação, afinal de conta estamos falando de literatura e há muita criação, muita metáfora. Eu creio que sim, há essa percepção delas e de seu lugar no mundo, uma coisa que a gente vê durante todo o livro. Fico na dúvida de dá uma resposta tão geral, apesar de ter feito parte da seleção e ter lido todos os textos, não quero falar pelas autoras. Porém, creio que sim.”*

Entrevistadora: Muito bonito quando você fala que não quer falar por elas. Ao mesmo tempo em que você não quer falar por elas, você diz muito delas, como se sua voz fosse caminho para as vozes delas através da sua fala.

Lua Lacerda: *“Sim, porque por exemplo, nós selecionamos poemas que gostamos muito, crônicas e contos. Porém, nós nunca temos como saber até onde é autobiográfico e ficcional.”*

Entrevistadora: A outra pergunta faz um gancho a essa nossa discussão, justamente refletindo sobre esses diversos gêneros que há no livro. Quando eu levei a proposta à minha

orientadora, ela questionou como é interessante a diversidade de gêneros em uma coletânea. Então, nós começamos a nos questionar se essa união de vários gêneros literários era proposital ou não?

Lua Lacerda: *“Sim, nós queríamos propor essa diversidade, mesmo sabendo que seria um risco não ter textos que cobrissem todos os gêneros. Isso porque houve muitas inscrições de poesia, mas assim, queríamos que houvesse essa pluralidade. Então, foi intencional, sabíamos que havia essa diversidade muito grande e conhecíamos escritoras de perto que eram ótimas cronistas, ótimas contistas, poetisas etc. Era necessário mostrar essas diversas faces. Todavia, não queríamos que fosse uma síntese somente de contos e poemas, mas uma síntese, um gostinho da literatura de autoria feminina no sertão da Paraíba. Então, precisávamos abranger muitos gêneros para demonstrar como ela é complexa, não é simples, é multifacetada. O livro foi jus à produção de autoria feminina no sertão do estado.”*

Entrevistadora: No que diz respeito à cultura patriarcal que, embora seja já rebatida por vários discursos, ela ainda permanece presente no sertão? Ou na literatura dessas mulheres?

Lua Lacerda: *“Então, com certeza. Porém, eu tenho um certo cuidado em não reforçar estigmas de ‘Ah, no sertão o patriarcado é pior que na capital’, porque, na realidade, são formas de patriarcados diferentes, apenas. Por exemplo, no sertão, os feminicídios são mais íntimos, cometidos por esposos, companheiros, familiares. Na capital, os feminicídios são sem critério algum, na maioria dos casos, associados à violência urbana, que aqui no sertão já não há tanto. Então, eu não acho que no sertão o patriarcado é maior, no entanto, eu acho que em qualquer sociedade patriarcal, lá no sertão, as mulheres, esbarram muito na coragem para saber lidar com essa ideologia. São artistas que deixam seus textos engavetados, não publicam, porque falta coragem, porque elas têm vergonha, porque não querem ser faladas, tem vergonha de falar em público. Assim, esse atravancamento, a gente percebe de forma generalizada, devido esse silenciamento, em territórios que tem pouco estímulo à cultura. Como a gente estava falando, um sucateamento dos recursos destinados à cultura no sertão. Então, se as mulheres não têm acesso às oficinas de escrita criativa, de dança, de teatro, então como elas vão desenvolver suas habilidades? O que a gente queria era quebrar isso, através da coragem, para que as mulheres levantassem a voz, justamente por saber que era uma região que tinham pouco conhecimento. Acho que cada região tem suas particularidades, mas assim, a dificuldade de ser mulher na escrita, é geral, inclusive, no sertão.”*

Entrevistadora: E seu lugar como escritora? O que você enxerga de avanços nesse espaço, sendo uma mulher de raízes sertanejas e que escreve literatura sobre esse lugar e sobre essas mulheres?

Lua Lacerda: *“Eu acho que hoje, com as publicações independentes, com editoras independentes, também com as novas mídias, redes sociais, a gente tem um espaço um pouco mais democrático para soltar a voz, compartilhar nossos textos, sem depender dos métodos mais arcaicos que vetaram a publicação feminina, por achar que eram questões menos importantes, porque as questões tidas como importantes sempre foram as masculinas. Agora assim, eu percebo também que quando eu vim do sertão para capital, não era por causa do meu curso, eu sou estudante de Jornalismo, mas sim porque eu queria mais oportunidades na escrita, eu queria tentar jogar mais meus poemas e textos no mundo e eu sabia que lá eu não iria conseguir, tanto é que, quando eu cheguei aqui, tive acesso ao edital da editora da UFPB e consegui publicar meu primeiro livro de poesia: ‘Redemunho’. Eu sei que se eu tivesse ficado no sertão, eu não teria publicado. Isso é uma temática muito dolorosa, imagina você perceber que não teria acesso à informação, não teria sabido que era possível publicar? Então, assim, existem esses avanços, podemos dizer que existe uma aceitação do feminismo em relação ao século passado, as mulheres tem um pouco mais de consciência do quão é importante que elas exerçam seu trabalho, que elas levanten sua voz... tem esses avanços sim, porém não tem como a gente ter um pleno avanço, todas as mulheres artistas sertanejas conseguirem se desenvolver, se não tivemos investimento em cultura. São avanços inegáveis, muitas mulheres hoje conseguem viver da sua escrita, isso é inédito. Então, pra mim, ainda tem sido muito esse movimento de perceber essas mudanças, mas não só vangloriar, questionar também. Vem muito do desejo que eu quero que não falem por mim, eu quero poder relatar minhas experiências como mulher sertaneja, como alguém que pensa em voltar pro sertão para trabalhar com arte e cultura. Eu tento ficar muito atenta para não dizer que as coisas só melhoraram, sendo que eu acho que precisa melhorar, que precisamos lutar, que precisamos de espaço, mais investimento na cultura da Paraíba.”*

Entrevistadora: Você fala sobre assumir esse lugar de fala, não deixar que outros falem por você. Isso é crucial e, claro, eu também acho que só será possível que haja um fornecimento de meios – verba – para que isso aconteça, que haja o fornecimento dessas possibilidades de falar. Não é algo que só depende da escritora, embora ela já faça muito.

Entrevistadora: Algumas personagens elas evocam uma memória, a mulher que subverte seu script feminino, enfim...queria saber se essas personagens, em suas particularidades, representam de certa maneira a própria subjetividade das mulheres no sertão? Se esse íntimo feminino no sertão pode ser ficcionalizado.

Lua Lacerda: *“Eu acredito que sim. Porém, com adendos, são lugares ficcionais, são mulheres que escrevem suas dores, são personagens complexos. De forma geral, eu acredito que é uma identidade de mulheres sertanejas, de mulheres que se veem conseguindo refletir sobre violência doméstica. Quando elas escrevem sobre isso, quando elas entendem isso, tem uma nova camada aí, não é a violência doméstica que elas estão falando, mas tendo consciência disso. O livro inteiro é sobre ter consciência desses processos, é sobre conseguir falar sobre dores e pessoas, observando de uma forma crítica, não se identificando com o problema, porque elas não se identificam. É uma reflexão crítica sobre tais coisas. É interessante observar o que é que isso diz sobre como nós mulheres sertanejas estamos, agora, depois de alguns avanços e acessos à educação. Eu penso que sim, mas vejo que o livro é um registro sobre o que pensam e o que escrevem as mulheres sertanejas, então, de certa forma, vejo como uma captura, sim, dessa subjetividade.”*

Entrevistadora: Eu também enxergo essa consciência dessas mulheres ao falar sobre esses temas, porque antes a gente nem problematizava, mas, hoje, além de criticar elas ficcionalizam tais questões, como se fosse uma denúncia. O que me deixou muito emocionada é a própria evocação da afetividade, elas falam que se reconhecem como mulheres. Há um poema chamado *Por eu ser grande*, da Isadora Lira, falando dessa grandeza física, mas que não é só física, achei muito bonito! A mulher está num espaço no qual, agora, ela pode falar e por ser essa protagonista. O livro traz muito dessas duas coisas, a consciência crítica e a afetividade através de uma memória.

Lua Lacerda: *“Você arrasou nessa colocação, porque, realmente, o poema da Isadora me pegou muito por essa tradução do quão as mulheres estavam se diminuindo, quem elas eram, seus talentos e como elas conseguem ao mesmo tempo reverter isso e assumir esse grande. O poema da Isadora sintetiza muito o livro, de todos os outros.”*

Entrevistadora: Também tive essa sensação, como se ela estivesse falando por ela e por todas as outras que estavam no livro.

Lua Lacerda: *“Sim, eu gosto muito desse poema dela”*

Entrevistadora: É isso, Lua. Fiquei muito feliz quando você topou, obrigada por ser tão acessível. Muito obrigada!

Lua Lacerda: *“Não mulher, imagine. Estou sempre aqui, quando você for defender, se você quiser me chamar, me convidar, eu vou! Quero muito ler sua pesquisa e mostrar para o Mulherio, eu avisei que o livro está sendo estudado e elas gostaram muito. Em nome do grupo eu até agradeço, porque pra gente é de muito valor, de ter acesso não só na cultura, mas também na academia. Ficamos muito emocionadas.”*

Entrevistadora: Sempre fiquei ‘matutando’ na cabeça, a gente teve uma troca curricular em 2019, com disciplinas que poderiam encaixar textos como os de vocês, como a literatura de autoria feminina da Paraíba e, porque não, do sertão – que é o lugar de onde eu venho – temos uma disciplina optativa: *Literatura Paraibana*, mas nunca é foi ofertada até hoje, nem se quer um texto, em quatro anos de curso, eu não vi nada. Então, eu ficava me perguntando onde estava, porque eu sabia que tinha gente fazendo, e fazendo muito bem, logo, foi uma questão de eu falar que existem vozes e que não estamos no fim do mundo! Então encontrei uma professora maravilhosa que me acolheu e acolheu minha pesquisa, a professora Luciana Calado, conheço ela a pouco mais de dois anos e ela me apoiou nesse processo, comprou o livro também e estamos aí tentando fazer algo para outras possíveis pesquisas.

Lua Lacerda: *“É isso aí! Você está cumprindo seu papel, papel que alguém tinha que fazer e você toma pra si, parabéns. Disponha!”*